



A UNIMED QUE CON
E A QUE PR



32º SUESPAR: A Unimed que construímos e a que precisamos

HOBBIES & MANIAS

A paixão por vinhos do cardiologista Costantini. Uma história que começa em San Jose, Argentina

EDUCAÇÃO

Conheça a Universidade Cooperativa

TECNOLOGIA

Os aplicativos que estão transformando a maneira como as pessoas monitoram a própria saúde, incluindo a interface Minha Saúde, da Unimed

REVISTA
DO SISTEMA
UNIMED DO
ESTADO DO
PARANÁ

#82
ANO 20
JUL-SET
2026

PanVel

Unimed 

Unimed & Panvel • Medicamentos, dermocosméticos, higiene e beleza com preços especiais •

Economia que entra na rotina

Você que é **cliente de qualquer Unimed do Paraná** garante descontos exclusivos em toda a rede **Panvel**, de norte a sul do país



Aproveite o que preparamos para você

Conselho Editorial

DIRETORIA EXECUTIVA

Diretor-presidente:

Dr. Alexandre Gustavo Bley

Diretor de Saúde:

Dr. Faustino Garcia Alferez

Diretor Administrativo e Financeiro:

Dr. Antônio Carlos Valezi

Diretor de Inovação e Desenvolvimento:

Dr. Antônio Carlos de Farias

Diretor de Mercado e Intercâmbio:

Dr. Durval Francisco dos Santos Filho

CONSELHEIROS REGIONAIS

Região 1: **Dr. Pedro Moyses Soares Jacintho** (Ponta Grossa)

Região 2: **Dr. Ribamar Leonildo Maroneze** (Apucarana)

Região 3: **Dr. Antonio Carlos Cardoso** (Campo Mourão)

Região 4: **Dr. Luiz Sérgio Fettback** (Cascavel)

COORDENAÇÃO EDITORIAL:

Jossânia Veloso – Assessora de imprensa (DRT 2321/PR)

Expediente

PSG EDITORA:

Pedro Salanek Filho e Giovanna de Paula (Gestão),

Adriana Vieira, Karina Kanashiro, Talissa

Monteiro e Thaís Mocelin (Reportagens)

DIORAMA ESTÚDIO:

Bruna Corso (Direção de Arte e Diagramação)

Gustavo Ferraz Cardoso (Diagramação)

Lucas Giuliano (Diagramação)

UNIMED PARANÁ:

Jossânia Veloso, Louise Fiala, Lana Martins e Sophia Cabral (Matérias), **Fabiano Pereira**, Gestão de Comunicação e Marketing e **assessorias das Unimeds Singulares** (Colaboração). Capa:

Unimed PR. Fotografias: **Banco de Imagens e Unimed PR.**

Impressão: **Tuicial Indústria Gráfica** – 11.000

ISSN 2237-2067 n. 82 (2026)

Imagem de capa: 32º Suespar (fotos Juliano Pimentel,

Hidalgo José Gomes da Silva e Wellington Vinicius Sauer)

Sugestões e críticas:

assessoriaimprensa@unimedpr.coop.br

Unimed 
Paraná

Unimed do Estado do Paraná
Rua Antonio Camilo, 283 | Curitiba | PR
CEP 82530-450 | Tel.: (41) 3219-1488
E-mail: imprensapr@unimedpr.coop.br
www.unimed.coop.br/parana

ANS - n.º 312720

Confira o site da
Revista Ampla



A UNIMED QUE CONSTRUÍMOS E A QUE PRECISAMOS

Toda organização carrega uma história construída por escolhas. No Sistema Unimed, essas escolhas foram guiadas pelo cooperativismo, pela valorização do médico, pela qualidade da assistência e pelo compromisso com as pessoas. Foi assim que chegamos até aqui.

No entanto, construir uma história de sucesso não significa que ela esteja pronta.

As transformações da sociedade, os avanços tecnológicos, as mudanças no perfil dos clientes, a sustentabilidade da saúde suplementar e a evolução dos modelos de cuidado nos desafiam a olhar para frente. Mais do que responder às mudanças, é preciso liderá-las.

Foi esse o convite do 32º Suespar, tema de capa desta edição da Revista Ampla: refletir sobre a Unimed que construímos, a que precisamos e o que vamos fazer agora. Um debate que reuniu lideranças do Sistema Unimed para discutir não apenas tendências, mas ações que possam definir os próximos anos do cooperativismo médico.

No decorrer desta edição, você encontrará conteúdos que dialogam diretamente com esse propósito: inovação, gestão, mercado, assistência, tecnologia, governança, liderança e experiências que demonstram como as cooperativas paranaenses têm transformado desafios em oportunidades.

Mais do que apresentar respostas prontas, o Suespar foi um convite à reflexão. Porque o futuro da Unimed não será determinado apenas pelo cenário que se apresenta, mas pelas escolhas que fazemos coletivamente. Isso porque, se a Unimed que construímos nos trouxe até aqui, a que precisamos depende das decisões que começamos a tomar hoje.

Nesta edição, também apresentamos a nossa Universidade Cooperativa e os aplicativos que estão transformando a maneira como as pessoas monitoram sua saúde.

Na editoria Check-up, você confere notícias das Unimeds Ponta Grossa, Londrina, Paranavai e Cascavel.

Boa leitura!



Dr. Alexandre Gustavo Bley

Diretor-presidente

Confira nosso site e sua revista on-line em:

www.revistaampla.com.br

Acesse, também, nosso LinkedIn:

www.linkedin.com/in/revista-ampla/

Editorial 03

Hobbies e Manias 05

Conheça a paixão por vinhos do cardiologista Costantini. Uma história que começa em San Jose, Argentina

Educação 08

Fique por dentro da Universidade Cooperativa da Unimed Paraná, uma iniciativa para fortalecer a aprendizagem contínua

Tecnologia 10

Veja os aplicativos que estão transformando a maneira como as pessoas monitoram a própria saúde, incluindo a interface Minha Saúde, da Unimed



Consulta

Enquanto a IA evolui, uma nova geração de profissionais ganha espaço na saúde

14



Capa

32º Suespar reúne mais de mil participantes e debate a Unimed que construímos

36 Hora Marcada

Entre o envelhecimento da população e a alta dos custos, o setor busca um novo modelo de cuidado mais eficiente, integrado e sustentável

38 Check-up

38 PONTA GROSSA

39 LONDRINA

40 PARANAVAÍ

41 CASCAVEL

42 Artigo

Dr. Antonio Carlos de Farias



MEMÓRIAS DA TAÇA

Costantino Costantini conta o que há de mais bonito em sua história de amor com os vinhos, das lembranças de infância aos prêmios conquistados

ADRIANA VIEIRA

O QUE VOCÊ VAI LER

Nascido na província argentina de San Juan, o médico cardiologista Costantino Costantini construiu sua relação com o vinho ainda na infância, no sítio do pai, no departamento de Angaco. Moldada por lembranças que atravessam gerações, sua visão sobre o vinho é poética e se distancia das degustações técnicas e da valorização dos rótulos mais caros. Para ele, o melhor vinho não é o mais premiado, mas aquele capaz de marcar o paladar e tocar o coração.

Mendoza é mundialmente reconhecida por sua tradição na produção de vinhos. O clima seco, a grande amplitude térmica e a irrigação com água do degelo da Cordilheira dos Andes criam condições ideais para o desenvolvimento das videiras na região argentina. No entanto, foi na província vizinha de San Juan, situada a cerca de 140 quilômetros dali, também favorecida por um *terroir* privilegiado e reconhecida pela produção de vinhos Syrah, que nasceu o médico cardiologista **Costantino Roberto Costantini**, cooperado da Unimed Curitiba, cuja relação com o vinho marcaria toda a sua vida.

Depois de seu avô italiano, de Ascoli Piceno, dedicar a vida a plantar uvas e fazer vinhos, também seu pai seguiu



esse caminho ao comprar um terreno e começar a sua própria plantação: “Ele começou com 10 hectares e chegou a 80. Eu cresci nesse sítio. Todos os fins de semana da minha infância e adolescência eu estava lá. Era uma terra seca, onde a água só chegava por canais de degelo da cordilheira a cada 10 ou 15 dias. Eu vi de perto a alegria de ver a videira crescer e o drama do calor intenso no verão. Vi a preocupação no rosto do meu pai com a falta de água e carreguei os traumas dele com o granizo, que uma vez destruiu todo o trabalho da vida do meu avô. Fui criado ouvindo minha avó rezar fervorosamente a cada tormenta, pedindo aos céus que o granizo não caísse”, lembra Costantini.

Foi nesse sítio em Angaco, San Juan, no meio de todo esforço e emoção familiar, que nasceu o seu primeiro e verdadeiro amor pela terra e pelas videiras. Aos 12 anos de idade, Costantini já experimentava o vinho, misturado com um pouco de soda ou água, como era costume na época, para que os mais jovens também pudessem participar dos momentos em família. Sobre os rótulos mais memoráveis desse tempo, o médico explica que o sabor mais marcante em suas lembranças é, na verdade, o da bebida artesanal: “Naquela época, o vinho ‘de grife’ não era um costume; as famílias compravam o vinho comum em garrações de 5 litros. Como meu pai cedia e vendia uvas para os amigos produzirem, eles sempre nos devolviam algumas garrafas especiais. Meu pai engarrafava aquilo com orgulho, guardava, e nós íamos tomando e celebrando a vida ao longo do ano”.

Apesar de San Juan ser famoso por seus vinhos brancos, o paladar e o coração do médico sempre foram muito atraídos pelos tintos. A preferência, que inclusive é

compartilhada com a esposa, é por vinhos com presença, encorpados e muita cor: “Historicamente, sempre fui muito voltado ao Cabernet Sauvignon. No entanto, a vida nos ensina a degustar novas possibilidades, e com o tempo aprendi a apreciar e a entender outras variedades, como o próprio Malbec”.

“**A vida nos ensina a degustar novas possibilidades**

Costantino Costantini ”

Curiosamente, Costantini nunca foi a uma dessas degustações formais de vinhos por acreditar que o vinho não é teoria, e sim emoção e paladar: “Podem colocar na sua frente o vinho mais reverenciado e caro do mundo, mas se ele não tocar o seu paladar, de nada serve.” Para ele, um bom vinho se define no momento em que você dá o primeiro gole e a sua alma diz: eu o tomara de novo.

O sabor das lembranças

Para muitos apreciadores de vinho, cada taça carrega também uma lembrança. Há aromas e sabores capazes de verdadeiras viagens no tempo, seja para lugares, para um encontro em família ou para uma celebração marcante. Com



A relação de Costantini com o vinho começou ainda na infância, entre as videiras e as paisagens de San Juan, na Argentina

Costantino Costantini não foi diferente. Entre as lembranças especiais está um vinho argentino que cruzou o seu caminho em um cenário completamente inusitado, em uma viagem para a Suíça, onde palestrou em um congresso.

A lembrança é tão vívida que o médico sabe de cor a data: “Era 5 de janeiro, estava nevando, um frio cortante. Fui convidado por executivos para jantar num restaurante argentino no subsolo de uma galeria. Quando abri a carta de vinhos, vi um rótulo argentino custando mais de 500 euros na época! Era o Nicolás Catena Zapata. Eu fiquei perplexo, porque nunca tinha visto aquilo na Argentina. E a verdade é que, na época, ele não existia no nosso mercado interno, era feito apenas para exportação. O diretor da empresa pediu duas garrafas para celebrar o sucesso da minha apresentação. Quando provei, foi a primeira vez que senti um vinho totalmente diferente, que tomou conta do

meu paladar de uma forma inesquecível”.

Homenagem que deu frutos

Há 25 anos, quando seu pai ainda era vivo, o cardiologista tomou uma decisão que veio do coração: fazer uma homenagem a ele. Trouxe, então, variedades de uvas de San Juan — Tannat e Syrah — e decidiu plantar no seu próprio sítio, que fica em Porto Amazonas, aqui no Paraná: “As videiras começaram a se adaptar e a crescer. Com a ajuda de um grande amigo e enólogo que me acompanha até hoje, o Raúl Menegazzo, fomos reproduzindo essas cepas com muita dedicação. Depois, unimos-nos aos talentosos rapazes da Vinícola Franco-Italiano, em Colombo, que aceitaram produzir o vinho com as nossas uvas”. Para manter a história de seu pai viva, o rótulo foi carinhosamente batizado de Angaco, que é o nome do departamento em San Juan onde ficava o sítio da sua infância.

Um tempo depois, um amigo de San Juan inscreveu o Syrah e o Cabernet de Costantini em um concurso às cegas, na Argentina. Com muita emoção, conquistou a medalha de ouro justamente em San Juan, a terra por excelência do Syrah: “Quando chamaram para entregar o prêmio, as pessoas se olhavam sem entender: ‘Quem são esses brasileiros? Que vinho brasileiro é esse, Angaco?’”. Foi um dos momentos mais marcantes para mim”. E não parou por aí: recentemente, a dupla criou um *blend* das duas uvas e novamente foram premiados com medalha de ouro, desta vez na França. Para esse apaixonado por vinhos, isso é a prova de que mesmo com o clima úmido que temos por aqui, quando a plantação é feita com amor e dedicação, a terra te devolve surpresas maravilhosas. Um brinde a isso.



Para o médico Costantini, um bom vinho é quando a alma diz: eu o tomara de novo



Parte da equipe envolvida no desenvolvimento da Universidade Cooperativa: Priscila Baranek, Antonio de Farias e Fabio Hadid

UNIVERSIDADE COOPERATIVA: NOVO ESPAÇO PARA APRENDER, COMPARTILHAR E TRANSFORMAR

Iniciativa da Unimed Paraná fortalece a cultura de aprendizagem contínua e conecta conhecimento à estratégia

THAÍS MOCELIN

O QUE VOCÊ VAI LER

Idealizada como um ambiente integrado de desenvolvimento de pessoas, a Universidade Cooperativa chega para reforçar a cultura cooperativista e transformar o conhecimento em um ativo estratégico para o futuro da Unimed Paraná.

Investir no desenvolvimento das pessoas é um dos pilares do cooperativismo. Agora, esse compromisso ganha uma nova dimensão com a **Universidade Cooperativa** da Unimed Paraná, criada para centralizar, organizar e fortalecer as ações de aprendizagem da instituição. A iniciativa nasce como um ecossistema de desenvolvimento contínuo, compartilhamento de conhecimento e construção coletiva de soluções. “Seu propósito é conectar as necessidades estratégicas da cooperativa às oportunidades de desenvolvimento dos colaboradores, oferecendo uma experiência de aprendizagem moderna, acessível e alinhada aos desafios do negócio”, explica **Priscila Baranek**, analista de Gestão de Pessoas que participou do desenvolvimento da novidade.

Inaugurada no dia 12 de agosto, a proposta reúne diferentes formatos de aprendizagem (presenciais, online, híbridos e conteúdos autoinstrucionais), permitindo que cada profissional desenvolva competências de acordo com sua função, seu momento de carreira e os desafios do negócio. O acesso acontece por uma plataforma digital que concentra cursos, trilhas de aprendizagem, vídeos, *podcasts*, materiais de apoio e outras experiências educacionais. Nessa primeira etapa, a Universidade Cooperativa contempla colaboradores da Unimed Paraná, incluindo diretoria, gestores e equipes presenciais, híbridas e remotas. A expectativa é que, futuramente, também alcance lideranças e colaboradores das Singulares do Sistema Unimed Paraná.

Com o foco de fortalecer a cultura de aprendizagem contínua, a iniciativa tem como objetivos: desenvolver competências técnicas, comportamentais e de liderança; disseminar o conhecimento produzido internamente; valorizar especialistas da própria organização como multiplicadores de conhecimento; apoiar o desenvolvimento de carreiras e programas de sucessão; ampliar o acesso ao aprendizado de forma organizada e acessível; fortalecer a cultura cooperativista e os valores institucionais.

Seguindo uma tendência educacional atual, a Universidade Cooperativa oferece conteúdos organizados tanto em cursos quanto em trilhas de aprendizagem, facilitando o acesso conforme à necessidade de desenvolvimento de cada público. As trilhas contemplam temas como: liderança e pessoas; estratégia e gestão; dados e tecnologia; experiência do cliente; saúde e governança clínica; *compliance* e segurança; inovação e futuro; desenvolvimento de competências e vida saudável. Além dos conteúdos produzidos internamente, a Universidade Cooperativa contará com especialistas convidados, instituições de ensino e parceiros estratégicos, ampliando a diversidade e a qualidade das soluções educacionais.

Priscila destaca que a Universidade Cooperativa representa um importante investimento no desenvolvimento das pessoas e na valorização do conhecimento existente dentro da própria organização. “Mais do que disponibilizar cursos, ela busca criar uma cultura em que aprender, compartilhar experiências e desenvolver novas competências façam parte do dia a dia de todos. Outro diferencial é o protagonismo dos

colaboradores, que poderão atuar como instrutores, compartilhar boas práticas e contribuir para a construção coletiva do conhecimento. Dessa forma, fortalecemos não apenas o desenvolvimento individual, mas também a colaboração entre áreas, a inovação e o compromisso com a excelência, pilares fundamentais para o crescimento sustentável da Unimed Paraná”, analisa.

De acordo com **Fabio Hadid**, coordenador de Gestão de Pessoas, a expectativa é que “todos os colaboradores possam ter um local para buscar novos conhecimentos ou atualizações e aprimorar performance, entregas e resultados”. Para isso, a Federação contou com o auxílio de uma consultoria especializada em implantação de universidades corporativas, que trabalhou em parceria com a equipe interna para a disponibilização de uma plataforma versátil e com uma curadoria de conteúdo que atende a duas funções principais: gestão de conhecimento e geração de aprendizagem organizacional.

Hadid também comenta sobre a possibilidade de manter um alto nível de atualização dos conteúdos, sempre que necessário, e o desenvolvimento da autonomia de cada profissional. “A gente sabe que ficar muitas horas fora de uma rotina de trabalho para um treinamento, por exemplo, pode gerar impacto nas entregas. Então, cada colaborador poderá fazer a gestão do seu conhecimento da melhor forma possível”, observa.

Na avaliação do gerente de Desenvolvimento e Estratégia, **Antonio do Amaral Júnior**, a Universidade Cooperativa “é uma plataforma estratégica de transformação organizacional que toca o núcleo da sustentabilidade cooperativista em saúde”. Ele ressalta que a educação sempre esteve presente na essência do cooperativismo e encontra respaldo no quinto princípio cooperativista – Educação, Formação e Informação. A nova estrutura consolida essa tradição ao transformar ações antes dispersas em um sistema integrado de desenvolvimento. Para o gerente, considerando o contexto de compressão estrutural de margens em que se situa o setor de saúde suplementar brasileiro, com custos assistenciais crescentes, é importante olhar para a inovação e para a educação como alavancas com potencial de trazer soluções para os problemas. “A Universidade Cooperativa opera exatamente nesse vetor: não como centro de custo, mas como instrumento de eficiência assistencial e administrativa”, afirma.

Antonio Carlos de Farias, diretor de Inovação e Desenvolvimento da Unimed Paraná, acredita que essa pode ser uma importante fonte de crescimento pessoal, impactando positivamente o desenvolvimento de todas as instituições do estado. “Nosso foco está no capital humano, na valorização da cultura cooperativista, na transformação digital, na utilização de dados confiáveis para guiar decisões e na inovação como um processo integrado à nossa instituição. Pretendemos nos estabelecer como um centro estratégico de aprendizado, capacitação e transformação digital e cultural”, comenta. Nasce, assim, um ciclo que incentiva a troca de boas práticas internas e de lições aprendidas, bem como a disseminação do *know-how* institucional.

A EVOLUÇÃO DOS APPS DE SAÚDE

A nova geração de aplicativos de saúde transforma dados em *insights*, ajudando usuários e profissionais a acompanhar riscos, hábitos e tendências de saúde

ADRIANA VIEIRA

O QUE VOCÊ VAI LER

Contar passos, registrar corridas e monitorar calorias já não são as únicas funções dos aplicativos de saúde. Com a integração de dados provenientes de diferentes dispositivos e plataformas, essas ferramentas passaram a oferecer uma visão mais ampla da saúde dos usuários. Ao identificar padrões e tendências ao longo do tempo, os aplicativos contribuem para um acompanhamento mais personalizado e preventivo. A evolução reflete uma mudança importante na saúde digital: transformar dados em informações capazes de apoiar decisões e promover mais qualidade de vida.

Com a evolução dos aplicativos de monitoramento e a popularização dos dispositivos vestíveis, milhões de pessoas passaram a acompanhar diariamente pelo celular indicadores como sono, frequência cardíaca, atividade física e níveis de estresse. Mais do que registrar informações, as plataformas atuais integram dados de diferentes fontes e ajudam os usuários a compreender hábitos, identificar padrões e adotar práticas mais saudáveis.

Contar quilômetros percorridos era a principal missão do RunKeeper, um dos pioneiros dos aplicativos de saúde para smartphones lançado em 2008. Anos depois, ferramentas, como o MyFitnessPal, ampliaram as possibilidades ao incluir o registro de calorias e hábitos alimentares. Hoje, porém, os aplicativos vão muito além dessas funções. Plataformas, como Apple Health, Samsung Health e Google Fit, concentram dados de diferentes dispositivos e aplicativos para oferecer uma visão integrada da saúde, reunindo informações sobre exercícios, sono, frequência cardíaca, alimentação e bem-estar em um só lugar.

Aplicativos de visão integrada

A integração de dados de saúde não é recente. O pioneiro Samsung Health surgiu em 2012 e quando o Apple Health foi lançado dois anos depois sua proposta já era reunir informações de diferentes aplicativos em um

único ambiente. A diferença é que, mais de uma década depois, a quantidade de dados disponíveis e a capacidade de transformá-los em informações úteis cresceram de forma significativa. Se antes essas plataformas registravam passos e corridas, hoje elas acompanham desde a qualidade do sono até indicadores cardiovasculares, tornando o monitoramento da saúde mais contínuo e personalizado.

Na prática, as plataformas de saúde atuais funcionam como um centro de comando capaz de reunir informações de diferentes fontes. Um usuário pode registrar refeições no MyFitnessPal, monitorar corridas pelo Strava, acompanhar a qualidade do sono com o Sleep Cycle e, ao mesmo tempo, receber dados de um Apple Watch, Galaxy Watch ou Garmin. Ao integrar essas informações em um único ambiente, aplicativos como Apple Saúde, Samsung Health e Google Fit conseguem oferecer uma visão mais abrangente da rotina e dos hábitos de saúde, transformando dados isolados em um panorama mais completo do bem-estar do usuário.

A principal evolução dos aplicativos de saúde não está na quantidade de dados coletados, mas na capacidade de interpretá-los. Se há pouco mais de uma década essas plataformas atuavam como simples registradoras de atividades, hoje elas analisam informações provenientes de diferentes dispositivos para identificar tendências e mudanças na rotina dos usuários. Alterações na qualidade do sono, na frequência cardíaca ou nos níveis de atividade física, por exemplo, podem ser detectadas precocemente e servir como alerta para a adoção de hábitos mais saudáveis. Nesse contexto, os aplicativos se aproximam dos princípios da medicina preditiva, área que utiliza dados para prever riscos e favorecer intervenções antes que problemas de saúde se manifestem de forma mais evidente.

Aplicativo Unimed: Minha Saúde

A transformação dos aplicativos de saúde também tem impactado a forma como os serviços assistenciais acompanham seus pacientes. Um exemplo é a interface Minha Saúde, do aplicativo Unimed, implantada em 2024 com foco na jornada do beneficiário dentro da Atenção Primária à Saúde. Por meio de questionários, monitoramento domiciliar, conteúdos personalizados e

contato direto com a equipe de enfermagem, a plataforma reúne informações que ajudam a compreender o perfil e as necessidades de cada paciente.

O objetivo vai além do registro de dados: ao identificar fatores de risco e mudanças no estado de saúde ao longo do tempo, a ferramenta contribui para intervenções mais precoces e assertivas. Trata-se de um movimento alinhado aos princípios da medicina preditiva, que utiliza informações contínuas para prever riscos, qualificar a tomada de decisão e fortalecer estratégias de prevenção.

“*O monitoramento contínuo permite identificar riscos antes que se tornem problemas mais graves*”

Andréia Oliveira

“Por meio da análise de dados, indicadores de desempenho e inteligência preditiva, é possível obter suporte para tomadas de decisão mais assertivas”, destaca **Andréia Oliveira**, coordenadora da área Gestão de Serviços Personalizados em Saúde e APS da Unimed do Paraná. Segundo Andréia, a utilização estratégica dessas informações contribui para um cuidado mais integrado e personalizado, fortalecendo o papel do beneficiário como participante ativo. Para ela, a tecnologia só faz sentido quando fortalece a relação entre paciente e equipe de saúde: “Nesse modelo, o beneficiário ocupa o centro do cuidado, participando de forma mais ativa da sua jornada em saúde”, afirma.



Para Andréia Oliveira, o beneficiário participa de forma ativa de sua jornada de cuidado

O QUE A INTERFACE MINHA SAÚDE OFERECE?

Questionários personalizados

Coleta de informações sobre hábitos de vida, fatores de risco e condições de saúde para apoiar o acompanhamento individualizado dos beneficiários.

Avaliação de risco

Identificação de perfis de maior vulnerabilidade para determinadas condições, como diabetes, auxiliando na inclusão em linhas de cuidado específicas.

Canal direto com a equipe de enfermagem

Atendimento via *chat* para esclarecimento de dúvidas, orientações em saúde e direcionamentos assistenciais.

Monitoramento domiciliar

Registro de indicadores, como pressão arterial e glicemia capilar, permitindo um acompanhamento mais próximo da evolução do paciente.

Orientações segmentadas

Envio de conteúdos e recomendações de acordo com as necessidades e a linha de cuidado de cada beneficiário.

Apoio à consulta médica

As informações registradas na plataforma complementam a avaliação do médico de família, contribuindo para condutas mais assertivas e personalizadas.

Acompanhamento contínuo da jornada de saúde

Integração de informações ao longo do tempo para fortalecer a prevenção, a coordenação do cuidado e o vínculo com a equipe assistencial.

A INTELIGÊNCIA POR TRÁS DA INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL

À medida que a IA avança na saúde, cresce a importância de profissionais capazes de conectar tecnologia, gestão e cuidado para gerar resultados concreto

KARINA KANASHIRO

O QUE VOCÊ VAI LER

Especialistas, generalistas ou profissionais híbridos? Em um setor cada vez mais orientado por dados, a Inteligência Artificial redefine competências e amplia a demanda por talentos capazes de conectar tecnologia, tomada de decisão e cuidado ao paciente.

Que a Inteligência Artificial já faz parte da rotina da saúde não é novidade. Dos prontuários eletrônicos à gestão de serviços, ela vem transformando a forma como organizações e profissionais tomam decisões. A questão agora é outra: quem será mais valorizado nesse novo cenário? Os especialistas que desenvolvem a tecnologia ou aqueles capazes de aplicá-la aos desafios do cuidado e da gestão?

Para **Marcelo Dallagassa**, especialista em Inteligência Artificial e cientista de dados do NIIS (Núcleo de Inteligência e Informações em Saúde) da Unimed Paraná, a relação entre IA e saúde não começou com a recente popularização das ferramentas generativas. Há mais de duas décadas, ele atua em projetos de análise de dados e desenvolvimento de modelos preditivos voltados à saúde suplementar.

Dados que viram decisões

Segundo ele, uma das principais contribuições da IA é transformar grandes volumes de dados em informações estratégicas. Hoje, projeções orçamentárias, previsões epidemiológicas, identificação de pacientes com risco de desenvolver doenças crônicas e avaliação de tecnologias já fazem parte da rotina das operadoras.

“Em todos esses casos, o ganho é o mesmo: decisões mais precisas, antecipação em vez de reação e uso mais eficiente dos recursos assistenciais e financeiros, além de gerar benefícios diretos para nossos clientes”, afirma.

Dallagassa ressalta que o valor da tecnologia depende de sua conexão com a realidade da assistência.

“Um modelo de estratificação de crônicos pode ter excelente performance estatística e, ainda assim, falhar na prática se não considerar como funciona o fluxo assistencial real”, explica.

Para ele, os avanços futuros dependem menos da evolução tecnológica e mais da capacidade das organizações de criar as condições necessárias para utilizá-la de forma efetiva. Entre os desafios, estão a qualidade e a completude dos dados clínicos, o fortalecimento da governança da informação e a consolidação de uma cultura orientada por evidências.

“A tecnologia já está pronta; o que precisamos é evoluir no engajamento de todos os atores da cadeia da saúde e na maturidade organizacional para sustentá-la”, ressalta.



Dallagassa destaca o papel da Inteligência Artificial na transformação de dados em decisões mais precisas para a saúde

Essa transformação também influencia o perfil dos profissionais mais valorizados pelas organizações.

Além dos algoritmos

Se os dados são a base da transformação, as pessoas continuam sendo determinantes para que ela gere resultados. Essa é a visão da nutricionista e pesquisadora **Tatiane Bonde**, que acompanha os impactos da IA na formação de estudantes, na atuação dos profissionais e no comportamento dos pacientes.

Segundo ela, a adoção da tecnologia avançou mais rapidamente do que a preparação das pessoas para utilizá-la de forma adequada.

“As pessoas não têm maturidade para usar a IA, ainda mais em uma área sensível como a da saúde”, adverte a pesquisadora.

Tatiane reconhece os benefícios da ferramenta em atividades, como a personalização de planos alimentares, a realização de pesquisas, a análise de informações e a otimização de processos. No entanto, alerta que o desafio não está apenas em usar a tecnologia, mas em utilizá-la com senso crítico.

“Inteligência Artificial não é só fazer uma pergunta e copiar a resposta. É preciso que os profissionais tenham formação e capacidade para avaliar essas informações”, frisa.

Na prática, ela descreve um perfil cada vez mais valorizado: profissionais que dominam sua área de atuação e, ao mesmo tempo, compreendem as possibilidades e limitações das tecnologias emergentes.



Para a pesquisadora Tatiane, o uso responsável da IA exige senso crítico, formação técnica e foco no cuidado humanizado

“Os profissionais precisam entender não apenas como usar a IA, mas também quando utilizá-la e quando não utilizá-la”, pondera.

O que a IA não substitui

Apesar dos avanços tecnológicos, Tatiane reforça que há aspectos do cuidado que permanecem essencialmente humanos.

“Atender um paciente significa olhar nos olhos, escutar com atenção, compreender sua realidade e considerar fatores que uma tecnologia dificilmente consegue captar sozinha”, observa.

Por isso, ela rejeita a ideia de que a transformação digital diminua a importância da humanização.

“No fim, tecnologia e humanização não são caminhos opostos. Pelo contrário, elas precisam caminhar juntas.”

Especialistas e conectores

Para **Luiz Pinheiro**, professor e pesquisador em Inteligência Artificial e Transformação Digital, o debate entre especialistas e generalistas não deve ser visto como uma disputa. Segundo ele, as organizações tendem a reunir perfis complementares.

De um lado, profissionais especializados em modelagem, *machine learning* e técnicas estatísticas avançadas. De outro, profissionais mais próximos das áreas de negócio, responsáveis por identificar oportunidades de aplicação e transformar a tecnologia em soluções práticas.

“Um fica mais na área de negócios. O outro fica mais na área de modelagem, previsão e propensão”, resume.

Essa divisão também influencia a formação dos profissionais. Enquanto usuários e implementadores podem adquirir conhecimentos básicos por meio de cursos e treinamentos, os especialistas continuarão exigindo formação técnica aprofundada.



Luiz Pinheiro defende a integração entre especialistas em tecnologia e profissionais de negócios para gerar resultados concretos com IA

A hora dos resultados

Pinheiro avalia que o mercado entrou em uma nova fase. Depois do entusiasmo inicial em torno da Inteligência Artificial, as organizações passaram a exigir resultados concretos.

“O que o profissional precisa fazer na empresa é mostrar o valor da IA, mostrar que ela vem para acelerar as coisas. Chegou a hora de pagar as contas da IA. Se não der resultado, se não gerar lucro ou melhoria efetiva, os projetos serão cortados”, alerta o professor.

As reflexões dos três especialistas convergem para uma mesma conclusão: a Inteligência Artificial seguirá transformando a saúde, mas seu potencial dependerá não apenas da evolução tecnológica, mas também da capacidade das organizações e dos profissionais de utilizá-la para gerar valor e melhorar o cuidado.



32º Suespar debateu ações práticas e efetivas para o futuro da Unimed

COM MAIOR PÚBLICO DA HISTÓRIA, 32º SUESPAR MOVIMENTA FOZ DO IGUAÇU

Solenidade de abertura trouxe lideranças cooperativistas, de saúde e políticas para debater o futuro da Unimed

LOUISE FIALA

O QUE VOCÊ VAI LER

Sob o mote "A Unimed que construímos e a que precisamos", a 32ª edição do Suespar contou com plenárias, eixos temáticos e conferência especial, reunindo mais de 40 palestrantes em três dias de evento. Simpósio teve o recorde de público, com mais de mil participantes

A 32ª edição do Suespar (Simpósio das Unimeds do Estado do Paraná) reuniu mais de mil participantes de todo o Sistema Unimed, entre os dias 20 e 23 de agosto, no Recanto Cataratas Thermas Resort & Convention, em Foz do Iguaçu. A solenidade de abertura do evento contou com a presença de autoridades cooperativistas, entidades de saúde e do governador do Paraná, **Carlos Massa Ratinho Júnior**.

Sob o mote "A Unimed que construímos e a que precisamos", o presidente da Unimed Paraná, **Alexandre Gustavo Bley**, reforçou a importância de cada um trabalhar em prol do futuro desejado, com ações efetivas e que impulsionem a Unimed – e o cooperativismo. "A Unimed que precisamos não virá pronta do futuro. Ela precisa ser construída por nós, por meio de cada uma de nossas atitudes. A eficácia da nossa gestão é a única garantia de que continuaremos oferecendo a melhor medicina ao nosso beneficiário e a melhor condição de trabalho ao nosso cooperado, que precisa assumir seu protagonismo na gestão do cuidado e na consciência do uso dos recursos, evitando os desperdícios. Afinal, racionalizar não é racionar."

Nesse sentido, Bley lembrou que preservar o Sistema vai além de honrar o passado: exige coragem. "Nós podemos envelhecer, mas a Unimed não. Ela precisa sempre estar contemporânea no enfrentamento dos

desafios temporais, mantendo-se relevante às gerações de médicos e a toda sociedade.”

O governador do Estado do Paraná, **Carlos Massa Ratinho Júnior**, aproveitou a solenidade para fazer um balanço dos quase oito anos de gestão e, principalmente, um agradecimento à parceria estabelecida com a Unimed. “No período mais difícil da minha gestão, que foi a pandemia, nós trabalhamos juntos para salvar a vida da população. Mostramos, nesse momento, que é possível sim unir esforços entre instituições públicas e privadas. Aproveito para parabenizar o dr. Bley e todos os ex-presidentes que fizeram a Unimed chegar aqui, uma cooperativa que é exemplo para o Paraná e para todo o Brasil, e também os médicos, que nos auxiliam diariamente para entregar uma saúde de qualidade para a população.”

A reflexão sobre o futuro também foi comentada pelo presidente da Unimed do Brasil, **Omar Abujamra Júnior**, que lembrou o protagonismo do Sistema há quase 60 anos. “Construímos uma marca reconhecida e presente em todo o país, referência em cuidado e valorização do médico. No entanto, para os próximos 60 anos, precisamos olhar para dentro. É necessário reconhecer aquilo que edificamos, preservar nossas fortalezas e rever estrategicamente os novos passos. Pensar na Unimed que precisamos é compreender que o cenário mudou e os desafios são outros”, disse.

E essa perenidade do cooperativismo e do Sistema Unimed também passa por cultura cooperativista, como pontuou a presidente Executiva da OCB (Organização das Cooperativas Brasileiras), **Tânia Zanella**. “O Sistema OCB elegeu este ano para tratar desse tema, pois a cultura é o que nos diferencia, é o que transforma o Brasil e o mundo. O cooperativismo integra 14% da população. São mais de 29 milhões de brasileiros, operando quase R\$ 860 bilhões. Esse movimento precisa e deve ser sustentável, perene, preparado para enfrentar os desafios, assim como a Unimed.”

Conforme Tânia, para tanto, também é necessário se conectar a pessoas comprometidas com o movimento cooperativista. A mesma ideia foi reforçada por **Luiz Roberto Baggio**, presidente do Conselho Deliberativo da

Ocepar. “Nós trabalhamos muito por meio do Programa de Educação Política para recompor a frente parlamentar do cooperativismo. Precisamos trabalhar a defesa das nossas cooperativas, independentemente do ramo, proteger o Ato Cooperativista. Quanto maior for a união entre todos nós, melhor será o resultado dos nossos negócios.” Baggio na ocasião anunciou que o vice-presidente da Unimed do Brasil e ex-presidente da Unimed Paraná, **Paulo Roberto Fernandes Faria**, foi escolhido para receber o Troféu Ocepar – Líder Cooperativista do Ano de 2026. Após a solenidade, a 32ª edição do Suespar foi aberta com um jantar especial e show com a atração Sinatra & Bublê.

“*Nós podemos envelhecer,
mas a Unimed não*”

Alexandre Bley

Mesa de honra

Integraram a mesa de honra, ainda, o presidente da Unimed Participações, **Eduardo Ernesto Chinaglia**; o presidente da Unimed CNU, **Luiz Otávio Fernandes de Andrade**; o presidente da Seguros Unimed e diretor-geral da Faculdade Unimed, **Helton Freitas**; o presidente da Unimed Mercosul e da Unimed Rio Grande do Sul, **Nilson Luiz May**; o presidente da Unimed Foz do Iguaçu, **Walid Mohamad Omairi**; a conselheira do Conselho Federal de Medicina (CFM) pelo Estado do Paraná, **Viviana Lemke**; o presidente da Associação Médica do Paraná (AMP), **José Fernando Macedo**; o presidente do Sindicato dos Médicos do Paraná, **Marlus Volney de Moraes**; e o diretor da Representação Regional do CRM em Foz do Iguaçu, **Luís Javier Miranda MC Nally**.



Simpósio trouxe mais de mil participantes e 40 palestrantes nesta edição

CORAGEM PARA MUDAR, LIDERAR E CUIDAR: CONFERÊNCIA DESTACA PAPEL FEMININO NA SOCIEDADE

LOUISE FIALA

O protagonismo feminino em diferentes áreas foi destacado na 32ª edição do Suespar, com a Conferência Especial: Mulheres que Movem a Sociedade, sob coordenação da médica **Wemilda Marta Fregonese Feltrin**, presidente da Unimed de Francisco Beltrão e coordenadora do Comitê de Médicas do Sistema Unimed Paraná. A Conferência aconteceu, na quinta-feira à tarde (20), antes da abertura oficial. O momento trouxe apresentações de **Renata Meiga**, médica de Família e Comunidade e CEO da Colo Saúde, e de **Tânia Zanella**, presidente Executiva da OCB, eleita pela Forbes uma das 15 mulheres mais poderosas do Brasil.

O reconhecimento às mulheres que, muitas vezes, abriram caminhos quando eles ainda não existiam, foi destacado pelo presidente da Unimed Paraná, **Alexandre Gustavo Bley**, na abertura da Conferência. “Mulheres que lideram, que empreendem, que pesquisam, que cuidam, que educam, que criam, que inovam e que, todos os dias, transformam realidades. Essa transformação acontece nas empresas, nas universidades, nas comunidades, na política, na ciência, na saúde, na cultura, nas famílias e em tantos espaços nos quais as mulheres exercem suas vozes e fazem escolhas que impactam outras vidas. A Unimed que precisamos tem que trazer esse olhar feminino nas suas instâncias decisórias.”

Foi sob essa visão que o Comitê de Médicas foi criado no Sistema Unimed Paraná. “O grupo tem o propósito de promover a participação ativa, a representatividade e o empoderamento das mulheres em cargos de gestão, liderança

e tomada de decisão dentro das cooperativas médicas do estado. De modo que nós, médicas, possamos reconhecer os espaços que já conquistamos e os que ainda podemos conquistar nesse organismo vivo que é o cooperativismo médico, fortalecendo os papéis que já exercemos em muitos campos da sociedade”, reforçou Wemilda.

“*O problema não é ter uma doença, mas, sim, ter sintomas que te lembram todos os dias de que você está doente*”

Renata Meiga

Quando a cura não é o limite do cuidado

Permitir que o paciente continue escrevendo a própria história, vivendo uma vida que faça sentido, ao lado das pessoas que ele escolheu: esse é o objetivo dos Cuidados Paliativos que, mesmo em uma era de informação, ainda



Conferência especial abriu a programação do 32º Suespar

carrega estigmas e preconceitos. Foi dentro desse panorama que a médica **Renata Meiga**, CEO da Colo Saúde, trouxe o tema à 32ª edição do Suespar, lembrando que, quando há uma doença grave, apenas o último ano de vida do paciente traz consigo um custo que equivale entre 25 e 30% do custo da vida inteira. “Os Cuidados Paliativos focam, também, na melhor utilização dos recursos do sistema de saúde, enquanto buscam melhorar a qualidade de vida, reduzir sintomas desagradáveis e fazer um planejamento prévio mais efetivo desses cuidados necessários.”

Ainda que estigmatizada como um “caminho para a morte”, ou o sinal de que não há mais o que fazer, a ortotanásia nada mais é, segundo Renata, do que o reconhecimento do processo da vida, evitando tentativas desproporcionais para a situação. “O quão triste é para a família, por exemplo, um ente querido realizar uma quimioterapia no último dia de vida, mesmo sabendo que não há mais eficácia? Afinal, o problema não é ter uma doença, mas, sim, ter sintomas que lembram todos os dias que você está doente.”



“Hospital deve ser local para reabilitação, não para viver”,
diz Renata

Iniciado concomitantemente com os cuidados curativos ou modificadores da doença, a prática visa principalmente ao alívio desses sintomas. Como pontuou a médica, o foco da saúde passou a ser descentralização do hospital, pois o ambiente hospitalar não é um local para viver, para passar cinco, dez meses internado... mas, sim, um lugar para se reabilitar. “Em cinco meses de internação desnecessária, você corta a vida da pessoa. Ela não vive mais a sua própria jornada: o neto não está lá, o cachorro não está lá, ela não come a comida que gosta, não dorme na própria cama. Precisamos permitir que as pessoas vivam as próprias vidas”, destacou, reforçando que essa visão está ligada a um processo cultural, principalmente.

Na prática, é necessário mudar a cultura centrada no hospital, entendendo o que cada paciente precisa, evitando intervenções que, muitas vezes, podem trazer mais prejuízos do que benefícios. “O custo-efetividade está ligado à comunicação adequada e no tempo certo, analisando as curvas da doença e os indicadores de piora prognóstica, reconhecendo os sinais de processo ativo de morte.”



Tânia Zanella destacou o papel do cooperativismo no desenvolvimento brasileiro

Mulheres que cooperam, lideram e transformam

Na sequência, a presidente Executiva da OCB, Tânia Zanella, destacou o papel do cooperativismo no desenvolvimento do país. “Onde há cooperativa, há prosperidade. Nessas regiões o acesso aos programas sociais é menor, pois o cooperativismo gera dignidade e prosperidade à população”, comentou. Contudo, o futuro precisa de renovação, pois mais de 56% dos atuais líderes têm mais de 50 anos. Em pesquisa realizada em 2023, 65% dos dirigentes de cooperativas apontaram que “a disseminação da cultura cooperativista deve ser prioridade máxima para o futuro do cooperativismo”, mas pouco se é falado sobre a sucessão, um processo estratégico para preservar valores, transferir conhecimento, fortalecer governança e gerar continuidade.

“
Onde há cooperativa,
há prosperidade
”

Tânia Zanella

A presidente também enalteceu a importância da resiliência e coragem nas decisões e nos cargos que as mulheres ocupam, seja dentro ou fora do cooperativismo. No mundo, apenas 31% das mulheres ocupam cargos de liderança, enquanto no sistema cooperativista apenas 22,2% ocupam cargos de presidência ou Conselho. “As pesquisas mostram que empresas com mulheres na liderança são 39% mais lucrativas e geram 19% mais inovação. E quando falamos de mais diversidade de gênero, cultura e étnica, as empresas se tornam 43% mais propensas a terem maiores lucros”, defendeu. Conforme Tânia, é preciso, acima de tudo, ter coragem para liderar e, muitas vezes, para ser a única mulher entre tantos homens que têm o poder de decisão. “São escolhas que decidem o futuro.”

ENTENDA:

Eutanásia:

É o ato de abreviar a vida de um paciente com doença grave e incurável para acabar com o sofrimento dele.

Ortotanásia:

É a morte no seu tempo certo, de forma natural e sem intervenções artificiais desproporcionais.

Distanásia:

É o prolongamento artificial e doloroso do processo de morte. Ocorre quando se mantém o paciente ligado a aparelhos e tratamentos exaustivos, mesmo sem esperança de melhora, causando sofrimento prolongado (conhecido como obstinação terapêutica).

Mistanásia:

É a morte precoce, evitável e miserável causada por negligência, falta de acesso à saúde ou condições sociais precárias, como pacientes que morrem em filas de atendimento.

Importante:

No Brasil, a eutanásia é proibida por lei e considerada crime pelo Código Penal Brasileiro.

A UNIMED QUE PRECISAMOS COMEÇA AGORA

Em formato de *talk-show*, plenária de abertura debateu os desafios e caminhos para o futuro do Sistema Unimed

LANA MARTINS

O Sistema Unimed é o maior sistema cooperativista de saúde do mundo. Com quase 340 cooperativas pelo país, possui capilaridade em 92% do território nacional. São 115 mil médicos-cooperados que, ao lado de uma rede credenciada, sustentam o atendimento de mais de 19 milhões de beneficiários em todo o Brasil. Diante de uma estrutura construída durante quase seis décadas, a pergunta que se impõe é: para onde vamos? E, principalmente, como transformar toda essa força em vantagem competitiva e sustentabilidade para o futuro?

Com a intenção de responder a essa e outras questões relacionadas ao futuro do Sistema Unimed, o 32º Suespar reuniu lideranças em um *talk-show* mediado pelo presidente da Unimed Paraná, **Alexandre Gustavo Bley**. Sob diferentes perspectivas, a plenária de abertura contou com a participação do presidente da Unimed do Brasil, **Omar Abujamra Júnior**; do presidente da Unimed Participações, **Eduardo Ernesto Chinaglia**; do presidente da Unimed CNU, **Luiz Otávio Fernandes de Andrade**; e do presidente da Seguros Unimed e diretor-geral da Faculdade Unimed, **Helton Freitas**.

Mais do que olhar para os resultados já alcançados, a conversa colocou em pauta os desafios que podem determinar a sustentabilidade das cooperativas nos próximos anos. O bate-papo foi norteador por uma pesquisa realizada pela Unimed Paraná com dirigentes e colaboradores de Unimeds de todo o país, entre julho e agosto de 2026.

Ao apresentar as perguntas, Bley destacou, já na primeira questão, os fatores que hoje mais limitam o crescimento das cooperativas. Entre os 209 dirigentes e colaboradores de Unimeds de todo o país que responderam à pesquisa, 29,87% apontaram questões relacionadas à governança, à cultura organizacional e ao engajamento dos cooperados — ainda distantes das necessidades do momento — como um dos principais obstáculos ao crescimento das cooperativas.

Outro desafio destacado pelos respondentes foi a rigidez regulatória da Agência Nacional de Saúde Suplementar (ANS), somada ao avanço da judicialização, apontada por 26,47% dos participantes. Ao abordar os desafios sob a perspectiva institucional nacional, o presidente da Unimed do Brasil destacou que o Sistema também enfrenta um cenário

mercadológico complexo. “Entre os pontos, destaca-se a importância de fortalecer o diálogo com a ANS, em meio às mudanças de gestão e aos diferentes desafios impostos ao setor de saúde suplementar”, afirma Abujamra Júnior.

A segunda pergunta da pesquisa propôs aos participantes uma reflexão sobre onde as cooperativas deveriam investir para obter maior retorno. Entre os participantes, a maior parte apontou a governança clínica, a eficiência operacional e a redução de desperdícios assistenciais como prioridades, com 31,36% das respostas. Na sequência, 21,07% indicaram a integração de sistemas, a governança de dados e a utilização da Inteligência Artificial (IA) como os investimentos com maior potencial de retorno para as cooperativas.

Ao comentar o tema, o presidente da Unimed CNU trouxe para o debate a importância de um crescimento acompanhado de integração e estrutura. Segundo ele, crescer não pode ser um objetivo isolado. “É preciso garantir condições operacionais e financeiras capazes de sustentar esse avanço no decorrer do tempo”, disse Andrade.

A reflexão ganha ainda mais relevância diante da experiência recente da CNU. Após um período de forte expansão, a cooperativa iniciou um processo de reestruturação de sua operação. “Estamos vivendo isso hoje. Nossa premissa é crescer com responsabilidade e sustentabilidade”, destacou.

O presidente também ressaltou a importância de construir bases mais sólidas para esse avanço e garantir aos beneficiários um produto completo e com qualidade. Ao olhar para os próximos anos, chamou ainda a atenção para um cenário econômico que exige cautela, marcado pelas

dificuldades enfrentadas por diferentes setores, pelo elevado endividamento das famílias e empresas e pelos desafios relacionados às contas públicas.

Ao abordar a questão, o presidente da Unimed do Brasil, Omar Abujamra Júnior, citou a importância da eficiência operacional e da segurança do paciente para a sustentabilidade do Sistema. Nesse contexto, apresentou iniciativas e programas desenvolvidos pela Unimed do Brasil para apoiar as cooperativas, entre eles o Projeto Sinergia, que busca promover a convergência tecnológica do Sistema Unimed, por meio da integração de sistemas, da redução da fragmentação de soluções e da geração de ganhos de escala, eficiência e inovação para todas as cooperativas.

Mais do que crescer, portanto, o desafio colocado para as cooperativas é crescer melhor — com eficiência e planejamento. A provocação não está apenas em pensar onde o Sistema Unimed quer chegar, mas em reconhecer o que precisa mudar para que a força construída até aqui continue sendo capaz de gerar valor. Afinal, crescer, por si só, não basta.

Na mesma direção, o presidente da Unimed Participações chamou a atenção para outro investimento considerado essencial para o futuro das cooperativas: as pessoas. Para Chinaglia, capacitar colaboradores, diretores e cooperados é fundamental para que o Sistema consiga aproveitar melhor os dados e as informações disponíveis e, principalmente, transformar conhecimento em boas práticas.

A terceira pergunta também direcionou o olhar para a sustentabilidade do Sistema Unimed, mas sob outra perspectiva: qual competência cada cooperativa precisa evoluir e dominar para garantir sua sustentabilidade no longo prazo?



Dirigentes das Casas Nacionais do Sistema Unimed participaram da plenária de abertura do 32º Suespar, que debateu os desafios e caminhos para o futuro do Sistema

“Aprendendo a ouvir o que o Sistema Unimed precisa, conseguiremos buscar parcerias”

Eduardo Chinaglia

Entre as respostas dos participantes, três competências ganharam destaque. A mais apontada foi o engajamento e a construção de uma cultura organizacional orientada por resultados, com 24,26% das respostas. O resultado chamou a atenção pela proximidade entre a percepção de dirigentes e colaboradores, demonstrando uma visão semelhante sobre a importância da cultura para o futuro das organizações.

Na sequência, a gestão rigorosa de indicadores e dados foi apontada por 19,19% dos respondentes. Nesse caso, porém, houve uma diferença significativa entre os grupos: 13,90% dos dirigentes indicaram essa competência como prioridade, enquanto entre os colaboradores o percentual foi de 5,28%.

A capacidade de intercooperar, com foco na busca por ganhos de escala, apareceu como a terceira competência mais votada. Também nesse item, a percepção entre dirigentes e colaboradores apresentou uma diferença importante: 13,92% dos dirigentes apontaram a intercooperação como prioridade, ante 3,61% dos colaboradores.

Ao comentar os resultados, o presidente da Seguros Unimed e diretor-geral da Faculdade Unimed, Helton Freitas, destacou justamente a diferença de percepção entre os diferentes públicos que compõem as organizações e reforçou a importância de investir na cultura organizacional.

A intercooperação também esteve presente na fala do presidente da Unimed Participações, Eduardo Ernesto Chinaglia, que ressaltou a importância da escuta ativa entre o Sistema Unimed e as Casas Nacionais que apoiam o funcionamento das cooperativas. “Aprendendo a ouvir o que o Sistema Unimed precisa, conseguiremos buscar parcerias com empresas consolidadas”, destacou Chinaglia. Para Alexandre Bley, que mediu a conversa, o Sistema Unimed já conta com uma importante rede de apoio. “O que precisamos é tangibilizar essa rede em grandes parcerias”, resumiu.

Na pergunta seguinte, o intercâmbio foi mencionado como o grande diferencial do Sistema Unimed. Ao serem questionados sobre os principais desafios enfrentados no processo de intercâmbio entre as Unimeds, os respondentes destacaram duas principais provocações: baixa integração entre os sistemas operacionais envolvidos (24,49%) e burocracia e morosidade na autorização (22,79%).

Mesmo sendo duas questões conhecidas, ainda há desafios a serem enfrentados e resolvidos. “Nós possuímos dois grandes ativos do Sistema, a marca Unimed e o intercâmbio”, afirmou Freitas. No entanto, o desafio está em avançar na integração dos processos e fortalecer o funcionamento do intercâmbio entre as diferentes Unimeds, independentemente do porte.

A última pergunta do estudo levou a discussão a um horizonte ainda mais concreto: qual seria o maior risco para a continuidade das cooperativas até 2030? As respostas apontaram para diferentes dimensões de um mesmo desafio: preparar as instituições para um cenário de incertezas sem perder de vista sua sustentabilidade e sua essência cooperativista.

Para Luiz Otávio de Andrade, o cenário macroeconômico merece atenção. Mudanças na economia podem produzir impactos em cadeia sobre as cooperativas, o que reforça, segundo ele, a necessidade de fortalecer a governança sistêmica e a capacidade de preparação das organizações.

Na avaliação de Eduardo Ernesto Chinaglia, enfrentar esse cenário exige fazer melhor aquilo que já é realizado. Para isso, considera fundamental investir nas pessoas e em uma governança segura. A estrutura das Casas Nacionais, nesse contexto, também tem o papel de apoiar as cooperativas na busca pela sustentabilidade e na superação dos desafios.

Omar Abujamra Júnior acrescentou outro elemento essencial: a responsabilidade de quem faz parte do Sistema. Para ele, cooperados e, principalmente, dirigentes têm papel fundamental na construção de relações de confiança, indispensáveis para que as cooperativas atravessem os próximos anos de forma integrada e sustentável.

Já Helton Freitas colocou a sustentabilidade financeira no centro da discussão. Para ele, a geração de resultado é condição para a continuidade de uma cooperativa. “Cooperativa nunca fez trabalho para empatar”, afirmou, reforçando que cumprir a finalidade cooperativista também passa pela capacidade de gerar lucro e manter a organização economicamente saudável.

“Cooperados e dirigentes têm papel fundamental na construção de relações de confiança”

Omar Abujamra Júnior

As quatro perspectivas ajudam a refletir sobre o conceito de sustentabilidade. Há riscos que vêm de fora, como o cenário macroeconômico, mas também desafios que estão dentro das próprias organizações e podem ser enfrentados por elas: governança, preparo das pessoas, confiança, responsabilidade e capacidade de gerar resultados.

No fim da plenária, Bley conduziu ainda uma dinâmica com os participantes e o público. Por meio de um link disponibilizado durante o encontro, a plateia pôde interagir e sugerir ações e ideias aos presidentes das Casas Nacionais, ampliando a participação do público na discussão sobre os caminhos para o futuro do Sistema Unimed.

MUDAR O HÁBITO MUDA UMA HISTÓRIA

O corpo quer movimento, mas o cérebro quer poupar energia. Como agir, na prática, para equilibrar essa conta?

LOUISE FIALA

Você já se perguntou, provavelmente, o porquê é tão difícil mudar um hábito negativo. Como, por exemplo, vencer o sofá quando seria necessário fazer uma atividade física, escolher alimentos saudáveis no lugar de doces e usar mais a escada em vez do elevador.... mas você já parou para pensar sobre o que é, de fato, um hábito? E como é possível nosso corpo ser totalmente preparado para o movimento, mas nosso cérebro atuar como um grande “poupador de energia”? Essas indagações foram o tema da plenária “A cura começa no reconhecimento e desistência do que adoce – A multicasualidade das doenças”, que trouxe **Fabiano Moulin** e **Márcio Atalla**, sob moderação dos diretores de Mercado e Intercâmbio, **Durval Francisco dos Santos Filho**, e de Saúde, **Faustino Garcia Alfere**, da Unimed Paraná.

Talvez tudo comece na forma como enxergamos a saúde. Para muitos, ela é a ausência da doença, como se felicidade fosse ausência de tristeza, e dinheiro ausência de pobreza. “Com exceção da saúde, nós olhamos para todos os outros conceitos e entendemos que são errados. Afinal, não basta não estar triste para se sentir feliz. Contudo, quando o assunto é saúde, a percepção é outra, o que a torna um conceito negativo”, pontuou Fabiano Moulin, que é neurologista e certificado internacionalmente pela Academia Americana de Medicina do Estilo de Vida.

Os hábitos, por sua vez, normalmente são motivo de irritação para o ser humano: ficamos bravos, queríamos mudar,



Ambientes e situações que reforçam a sensação de escassez deixam-nos menos conscientes

mas ignoramos o motivo dele existir. Conforme Moulin, o “hábito nada mais é do que uma resposta satisfatória para um problema recorrente do seu dia a dia.” Ou seja: os hábitos que construímos são uma forma do nosso cérebro poupar energia para o que, teoricamente, importaria. É um equilíbrio eterno entre sobrevivência e adaptação, pois nosso organismo foca apenas em sobreviver e reproduzir, enquanto a espécie tem o desafio de se adaptar às mudanças ambientais. “É mentira que somos preguiçosos por natureza. Somos poupadores. Contudo, basta perceber que o benefício é maior que o custo, que o esforço é feito. O que evitamos é o desperdício.”

Parece complexo, mas, de acordo com o neurologista, é necessária uma mudança de percepção, principalmente em relação à forma como usamos nossa atenção no dia a dia. Se, diariamente, sua atenção é voltada por horas às telas, por exemplo, sem um benefício real, no fim do dia você vai se sentir cansado e desgastado, sem conseguir tolerar mais nada.



Enquanto o corpo busca movimento, o cérebro quer poupar energia, obrigando-nos a realizar escolhas conscientes

“Saúde não é acidente.
Colhemos o que plantamos”

Fabiano Moulin

“Vivemos em um mundo que acentua o custo da maioria das tentativas de mudança, tornando o hábito, mesmo que ruim, mais benéfico para o cérebro do que o esforço para mudá-lo”.

Ambientes e situações que reforçam a sensação de escassez, incertezas, falta de tempo, fadiga, adoecimento mental, carga cognitiva e de informação deixam-nos menos conscientes. Nesse sentido, o neurologista aconselha: tente ter mais atenção aos lugares em que você investe sua energia. Qual é o benefício, por exemplo, em rolar o *feed* por horas? “Saúde não é acidente. Colhemos o que plantamos. Dessa forma, não basta apenas saber que é preciso mudar, é necessário agir e buscar ter mais consciência e menos julgamento.”

Enquanto o cérebro atua como um poupador, o corpo, no entanto, é preparado para o movimento. Mas, ainda assim, 68% dos brasileiros estão acima do peso. “Só a informação não é suficiente para ter um estilo de vida legal. Nós nunca tivemos tanta informação e ferramentas como hoje, mas os números vão para o lado contrário”, reforça o professor de Educação Física com pós-graduação em nutrição e especializado em qualidade de vida, **Márcio Atalla**.

Além dos fatores fisiológicos, a sociedade contemporânea vive outro desafio: somos a primeira geração que precisa colocar o movimento no dia a dia de forma consciente e proposital. Há alguns anos, qualquer atividade do cotidiano exigia movimento. Afinal, para ir ao banco, ao mercado ou resolver alguma pendência, era necessário andar e ir presencialmente até o local. Agora, não. Basta alguns cliques na tela e está tudo resolvido. “Em 1989, apenas 2% da população estava matriculada em uma academia. A média, naquela época, eram 10 mil passos por dia. Porém, com toda a tecnologia disponível, o cenário mudou e agora não atingimos nem a marca mínima de passos diária.”

Junto à falta de movimento, está a alta disponibilidade de alimentos ultraprocessados, por exemplo. Como exemplificou



As mudanças devem ser sustentáveis e, muitas vezes, elas só acontecem quando começam aos poucos, comenta Atalla

“Somos a primeira geração que precisa dizer não para as coisas, pois tudo é extremamente disponível”

Márcio Atalla

Atalla, em um evento, nós tomamos café da manhã no hotel e, menos de duas horas depois, há um *coffee break*. Você come mesmo sem sentir fome, só por estar na sua frente – e isso acontece sem que percebamos, seja em casa, no ambiente de trabalho ou em eventos. “Também somos a primeira geração que precisa dizer não para as coisas, pois tudo é extremamente disponível.”

Conforme Atalla, além de todos os desafios contemporâneos, também inibimos nosso ciclo circadiano, que nada mais é que nosso relógio biológico, responsável por regular as funções do corpo, incluindo a hora de dormir e acordar. Os vilões? Principalmente as informações excessivas e a temida luz azul, emitida por dispositivos eletrônicos como o celular, comumente levados junto à cama.

Mudar um hábito não acontece de um dia para o outro, nem em 21 dias, como um dia já foi imaginado. Estudos atuais apontam que, em média, uma nova ação se torna automática – e, então, um hábito – quando é repetida mais de 66 ou 67 vezes. Por isso, há a proposta de insistir em um novo hábito por pelo menos três meses, diariamente, para que ele se torne parte da rotina. Seja um exercício, uma alimentação mais saudável, uma meta de leitura ou qualquer outra mudança benéfica para o corpo e a mente. O educador físico, contudo, alerta: não adianta querer começar a fazer uma hora de academia todos os dias da semana, se você está totalmente sedentário. Ou parar de comer totalmente açúcar, se sua alimentação está completamente desregulada. As mudanças devem ser sustentáveis, e isso muitas vezes só acontece quando elas começam aos poucos. E, principalmente: quando elas trazem um benefício real, têm um propósito para acontecer.

Entre diferentes exemplos citados, Atalla destacou os avós que passam a fazer mais atividades físicas para conseguir brincar com os netos, ou alguém que recebeu um exame de sangue alterado e, agora, precisa reverter o quadro. “É trocar o elevador pela escada algumas vezes ao dia. Começar com 10 minutos de caminhada, mas de forma consistente. Quando você percebe os benefícios daquela pequena mudança, automaticamente vai querer fazer mais. E vai conseguir.”

ENTRE VENTOS A FAVOR E CONTRA, ECONOMISTA ANALISA CENÁRIO DO BRASIL

No encerramento do segundo dia de evento, Mailson da Nóbrega apresentou uma análise sobre os desafios e as perspectivas da economia brasileira

LANA MARTINS

Com o tema “Cenário econômico e impacto no mercado de saúde suplementar”, a palestra magna contou com a análise de **Mailson da Nóbrega**, economista e ex-ministro da Fazenda do Brasil. Mediada pelo diretor Administrativo e Financeiro da Unimed Paraná, **Antonio Carlos Valezi**, a apresentação contou com uma análise do cenário macroeconômico brasileiro, destacando fatores que limitam o crescimento do país, ventos a favor que impulsionam a economia e o papel histórico das crises.

Um dos desafios apresentados pelo economista foi a desaceleração econômica. Em sua análise, a projeção de crescimento do PIB (Produto Interno Bruto) é de 1,9% a 2% para 2026, enquanto, no ano seguinte, deve ficar em apenas 1,2%. “O PIB brasileiro está crescendo em ritmo inferior ao dos países emergentes com os quais nos comparamos”, exemplificou.

Outro ponto destacado por ele, embora seja um problema histórico, é a taxa de poupança considerada baixíssima, de cerca de 14,4% do PIB, o que, segundo o economista, limita os investimentos. “Estudos demonstram que, para um crescimento satisfatório e ter investimentos em níveis razoáveis, a taxa de poupança deve ser de 25%”. Em

comparação, países como China e Coreia do Sul apresentam taxas de poupança de 43,1% e de 35%, respectivamente, do PIB. A média global, hoje, é de 22 a 26%.

Na visão de Nóbrega, os principais obstáculos ao crescimento sustentável incluem a rigidez orçamentária. Ele comenta, ainda que cerca de 96% dos gastos federais são considerados obrigatórios, com uma projeção de que esse percentual chegue a 100% no próximo ano. “O que deverá inviabilizar investimentos em ciência, tecnologia e infraestrutura”, projeta.

Além disso, ele avalia que as regras constitucionais e previdenciárias necessitam de uma nova reforma. Entre as mudanças citadas, estão a elevação da idade mínima e a eliminação de diferenças de gênero e entre setores, como urbano e rural. No entanto, o economista reconhece que, embora sejam necessárias, são propostas impopulares e, por isso, nenhum governo gostaria de anunciá-las.

Outros dois pontos levantados por Nóbrega são a baixa qualidade da educação e a estagnação da produtividade, que também representam obstáculos ao crescimento. Segundo os dados apresentados pelo economista, o Brasil destina 6,2% do PIB à educação, um percentual proporcionalmente superior ao de países como China e Estados Unidos, enquanto ainda possui baixa oferta de mão de obra qualificada e estagnação da produtividade. Ele ainda questionou a vinculação constitucional de recursos destinados à educação e à saúde à receita.

Por fim, outro fator levantado como “vento contra” é a posição do judiciário frente ao setor privado. Segundo ele, no Brasil, em média, perdem 87% dos créditos não pagos. “As perdas dos bancos, da maneira como seus processos são julgados, são um fator adicional para a manutenção de taxa de juros alta”, acrescenta.

Ventos a favor e forças econômicas

Apesar dos problemas apresentados pelo economista, o país possui pilares que contribuem para a estabilidade e o desenvolvimento da economia. Entre os pontos positivos destacados estão a independência do Banco Central, a boa regulação bancária e a solidez, sofisticação e capitalização do sistema financeiro. Na avaliação do palestrante, esse conjunto de fatores ajuda a explicar a ausência de crises bancárias no país há mais de 30 anos.



Para Mailson da Nóbrega, crises podem criar oportunidades para mudanças estruturais

O agronegócio, reconhecido pelo protagonismo global e pela competitividade, e a indústria extrativa, com destaque para petróleo e minerais, também foram apontados como fatores favoráveis ao desenvolvimento. A melhoria da infraestrutura logística também apareceu entre os pontos positivos destacados pelo economista. De acordo com ele, a transferência de segmentos como ferrovias, rodovias e telecomunicações para o setor privado contribuiu para esse processo.

Perspectivas para os próximos anos

Ao projetar o cenário para 2027, o economista apontou uma redução do espaço para investimentos públicos, diante do peso crescente dos gastos obrigatórios primários da União. “Sem reformas, não haverá espaço para investimentos em ciência, tecnologia, defesa, cultura e manutenção da máquina pública”.

Segundo Nóbrega, essa situação poderá comprometer o funcionamento do arcabouço fiscal – mecanismo que utiliza um conjunto de regras para gerenciar as contas públicas do governo federal no Brasil. Com menos espaço para controlar as despesas, a dívida pública em relação ao tamanho da economia poderia seguir uma trajetória de crescimento acelerado. Embora ele não acredite que possa ocorrer atraso nos pagamentos do Governo Federal, o receio de um eventual calote pode assustar investidores e provocar efeitos sobre a inflação, os juros, a atividade econômica e o emprego. “Esse cenário de crise financeira, contudo, criará o ambiente necessário para um novo ciclo de reformas”, afirma.

Historicamente, o economista comenta que grandes transformações – sejam elas financeiras ou não – ocorreram em momentos de crise. Para ilustrar essa relação, ele relembrou alguns momentos: 1964, as reformas tributária, administrativa e financeira que, segundo sua análise, geraram ganhos de produtividade; em 1994, as reformas asseguraram a criação e preservação do Plano Real, viabilizaram a Lei de Responsabilidade Fiscal e deram margem a um amplo ciclo de concessões e privatizações; e, em 2016, houve a aprovação da reforma trabalhista e da Lei das Estatais, em um curto período de tempo.



A desaceleração econômica foi um dos desafios apontados pelo ex-ministro

O FUTURO É ORGÂNICO – E ELE JÁ CHEGOU

De modelos tridimensionais do cérebro a pesquisas no espaço, saiba como a biotecnologia está inovando medicamentos e tratamentos

LOUISE FIALA

Não há como falar do futuro sem falar de tecnologia. Quando o foco é a saúde, o avanço em tratamentos e medicamentos obrigatoriamente passa por uma infinidade de estudos e, claro, inovações. O papel das pesquisas genéticas nesse cenário foi o foco da palestra do professor e pesquisador **Alysson Muotri**, que abordou os organoides cerebrais, estudos no espaço, condições do neurodesenvolvimento, terapia gênica e os rumos da ciência em saúde, sob moderação do diretor de Inovação e Desenvolvimento, **Antonio Carlos de Farias**.

E se você ainda pensa que o futuro é a Inteligência Artificial, o pesquisador traz um olhar diferente: talvez esse futuro seja, na verdade, a inteligência orgânica, chamada de organoide-inteligência. Para entender o conceito, é preciso, antes, conhecer os organoides cerebrais, modelos tridimensionais do cérebro humano criados em laboratório. Sob protocolos específicos, pesquisadores pegam as células de uma pessoa – seja da pele ou do sangue – e as reprogramam para que voltem a um estado semelhante ao de células-tronco. Assim, elas são direcionadas para formar tecidos neurais e começam

a se organizar de forma espontânea, formando estruturas que reproduzem características do cérebro humano, principalmente do córtex cerebral.

Com esse modelo, os pesquisadores podem estudar o desenvolvimento cerebral de forma individualizada, contribuindo para avanços de tratamento principalmente de doenças neurológicas. “Essa criação dura aproximadamente quatro meses, e esses organoides podem ficar em laboratório por três ou quatro anos, no máximo, que é o tempo que temos para fazer as análises e estudos atualmente”, comentou.

Sob essa análise, é possível, por exemplo, comparar como células, neurônios e camadas do córtex são formados, em relação ao cérebro de uma pessoa que não possui determinada condição neurológica. Muotri destaca que a formação dos organoides não acontece de maneira totalmente controlada pelos pesquisadores. As próprias células possuem informações genéticas que orientam sua organização. “Elas começam a se multiplicar, migram e formam camadas, reproduzindo etapas semelhantes às observadas no desenvolvimento fetal. O córtex, por exemplo, apresenta as diferentes camadas corticais, enquanto os neurônios vão amadurecendo e estabelecendo conexões. A composição celular também muda com o tempo. Primeiro predominam neurônios excitatórios. Depois surgem células como os astrócitos e, posteriormente, neurônios inibitórios.”

Esse equilíbrio é fundamental para que o cérebro funcione adequadamente. Alterações nesse balanço podem estar relacionadas a condições neurológicas e psiquiátricas, como epilepsia e esquizofrenia. “Outro ponto importante é a capacidade de detectar atividade elétrica dos neurônios. No início, a atividade é bastante aleatória. Com o amadurecimento do tecido, ela se torna progressivamente mais organizada, acompanhando o desenvolvimento esperado do cérebro humano.”

Segundo Muotri, os padrões observados nos organoides apresentam semelhanças com os padrões de atividade encontrados em bebês prematuros, permitindo utilizar o

modelo para estudar fases do desenvolvimento pré-natal e pós-natal. “Os organoides possibilitaram estudar a relação entre a microcefalia e o vírus Zika. Ao expô-los ao vírus, os pesquisadores observaram que ele tinha preferência por atacar células progenitoras neurais, prejudicando a migração celular e a formação adequada das camadas do córtex, demonstrando uma relação causal entre a infecção pelo Zika e alterações no desenvolvimento cerebral.”

“**Aqui surge o conceito de “inteligência orgânica”, que é o futuro, indo além da inteligência artificial tradicional**”

Alysson Muotri

Condições do neurodesenvolvimento

Nessa linha, os organoides cerebrais também são uma ferramenta para estudar condições genéticas do neurodesenvolvimento. O professor apresentou o projeto “Fada do Dente”, que utiliza células obtidas de dentes de leite para reproduzir as células-tronco e, depois, os organoides. Assim, são criados modelos a partir de indivíduos que estão sob uma condição atípica, comparando a modelos de pessoas neurotípicas.

O mesmo acontece com a síndrome de Rett, outra condição genética do neurodesenvolvimento. “Nos organoides derivados de pessoas com a síndrome, os pesquisadores observaram uma redução significativa na formação de sinapses, que são as conexões entre os neurônios. Ao entender qual é a causa das alterações, o estudo permite o avanço nos testes com medicamentos, por exemplo.” Muotri destacou que esse tipo de abordagem pode acelerar o desenvolvimento de terapias, porque permite testar diferentes estratégias diretamente em células humanas, antes de avançar para estudos clínicos.

Outro exemplo ainda mais avançado apresentado é a síndrome de Pitt-Hopkins, uma condição rara e grave. Os organoides mostraram alterações na organização das células e das camadas corticais que não eram reproduzidas adequadamente pelos modelos animais disponíveis. “Com base nesses estudos, pudemos identificar qual versão do gene relacionado à síndrome era mais relevante para o cérebro humano e desenvolver uma estratégia de terapia



Estudos com organoides cerebrais estão abrindo novos caminhos para a saúde

gênica. Assim, criamos um vetor capaz de reproduzir mecanismos de regulação do próprio gene, permitindo que a célula controlasse a quantidade produzida.”

Essa tecnologia desenvolvida foi comprada por uma empresa e, agora, está na fase de Ensaio Clínico, com pacientes sendo tratados em centros nos Estados Unidos, Espanha e Israel.

Inteligência orgânica

Outra etapa das pesquisas relacionadas a esses organoides foi conectá-los a uma interface robótica, para analisar o desempenho em ambientes virtuais. Nessa situação, a atividade elétrica do organoide era utilizada para controlar um robô. Já em outro experimento, organoides foram colocados para interagir com ambientes virtuais, incluindo uma versão do jogo Pac-Man. A ideia era investigar a capacidade dessas redes neurais de aprender, adaptar-se e generalizar informações.

Segundo Muotri, os organoides conseguiram aprender determinadas regras e posteriormente adaptar o comportamento a novos ambientes. “Aqui surge o conceito de “inteligência orgânica”, que é o futuro, indo além da inteligência artificial tradicional, uma vez que redes neurais

biológicas podem apresentar vantagens em aspectos como aprendizado rápido, generalização e eficiência energética.”

“ *E se os organoides pudessem prever como o cérebro de uma pessoa se comporta?* ”

Alysson Muotri

Pesquisa espacial e a prevenção de doenças

E se, além de modelar uma doença já existente, os organoides também pudessem prever como o cérebro de uma pessoa pode se comportar, antes mesmo dos sintomas surgirem? Foi analisando os astronautas que surgiu a ideia de enviar esses modelos cerebrais para a Estação Espacial Internacional, em parceria com a NASA, pois, em 30 dias no espaço, os tecidos humanos envelhecem aproximadamente 10 anos – se o mesmo acontecesse com os organoides, seriam 10 anos de avanço em apenas um mês.

No entanto, a pesquisa espacial também proporcionou outra descoberta: a observação da ativação de elementos virais que fazem parte do próprio DNA humano, os retrovírus endógenos. “Mais de 20% do nosso genoma é composto por retrovírus que nos infectaram ao longo da evolução, mas, geralmente, eles permanecem silenciosos durante a nossa vida. Porém, podem ser ativados durante o envelhecimento, ou estar relacionados a processos inflamatórios do organismo.” Com essa constatação, os pesquisadores passaram a estudar se medicamentos antirretrovirais poderiam reduzir esse processo e, agora, um deles avançou para ensaio clínico no Brasil, em Fortaleza, para investigar o potencial no tratamento da síndrome de Rett.

Outro projeto apresentado por Muotri envolve a busca por moléculas terapêuticas na biodiversidade e no conhecimento tradicional de povos indígenas. “As equipes trabalham com comunidades originárias na Amazônia para identificar plantas utilizadas tradicionalmente para curar doenças, e investigar se há moléculas potencialmente úteis para o tratamento de doenças neurológicas.

A equipe trabalha com comunidades originárias para identificar plantas utilizadas tradicionalmente e investigar moléculas potencialmente úteis para doenças neurológicas.

Sob esses diferentes olhares e estudos, o pesquisador finalizou a palestra abordando a possibilidade da criação de laboratórios em órbita, capaz de produzir e testar os organoides no espaço, utilizando o ambiente espacial para estudar diferentes questões, como o envelhecimento, doenças neurodegenerativas, câncer e outras.



No espaço, os organoides cerebrais envelhecem 10 anos em apenas 30 dias

ENTENDA MELHOR:

Neurônios excitatórios:

São responsáveis por estimular o neurônio seguinte a disparar um impulso elétrico.

Neurônios astrócitos:

Esses neurônios fornecem sustentação ao sistema nervoso, interligando as sinapses.

Neurônios inibitórios:

Eles têm como função impedir que o neurônio seguinte dispare um impulso elétrico.

ATENDIMENTO DISNEY: O CUIDADO COMO PARTE DA EXPERIÊNCIA

Em momento especial, a última palestra do Suespar, falou sobre a experiência única que o atendimento Disney oferece aos seus convidados

LANA MARTINS

Com uma apresentação lúdica, que levou ao palco um pouco da experiência vivenciada pelos médicos-cooperados no estande do **UNICOO (Unimed Cooperado)**, a Unimed Curitiba promoveu o lançamento de seu novo projeto durante o 32º Suespar. Entre sonhos, desejos e lugares que ainda pretendem conhecer, os cooperados foram convidados a olhar para aquilo que os torna únicos e para as diferentes experiências que desejam viver.

A iniciativa parte justamente da valorização da singularidade de cada médico-cooperado. Desenvolvida como um ecossistema, a UNICOO reúne iniciativas de relacionamento, benefícios, comunicação e cuidados direcionadas aos cooperados Unimed, considerando as necessidades, os interesses e os diferentes momentos da vida de cada um.

As cinco dimensões que compõem o projeto são programa de relacionamento, plano de saúde, clube de benefícios, comunicação integrada e espaço exclusivo para cooperados. Integradas, essas dimensões buscam fortalecer o vínculo entre a cooperativa e seus cooperados por meio de ações de reconhecimento, desenvolvimento, assistência e relacionamento.

A mediação foi conduzida por **Rached Hajar Traya, diretor-presidente da Unimed Curitiba, patrocinadora da palestra especial**. A proposta dialogou com a reflexão: "Quando o cuidado vira cultura: construindo organizações que as pessoas escolhem todos os dias", conduzida por

Alexandre Espindola, encantador de clientes.

"Não é o que fazemos, mas como fazemos." A frase resume uma das principais reflexões apresentadas pelo especialista. Ao falar sobre experiência e encantamento, Espindola destacou a importância de ir além das expectativas e de transformar o cuidado em parte das relações cotidianas.



De acordo com Espindola, é preciso estar além da média para transformar experiências comuns em memoráveis

Inspirado no modelo de atendimento da **Disney**, Espindola apresentou três conceitos que orientam essa forma de pensar: *Dream*, que representa a capacidade de sonhar além dos limites; *Believe*, acreditar naquilo que nos move; e *Dare*, ter coragem para ousar e fazer a diferença.

“O que nos diferencia? O que nos torna únicos nas relações que vivemos no cotidiano?”, provocou. A reflexão parte da ideia de que a média não é suficiente quando o objetivo é encantar. É preciso buscar aquilo que está além do esperado e transformar experiências comuns em momentos memoráveis. “O mundo está dividido em dois grupos: o grupo das pessoas que reclama de fazer tudo e o grupo que vai lá e faz”, destacou.

“
O que você vem fazendo de
notável a ponto de tornar-se
inesquecível para o outro?”
”

Alexandre Espindola

Ao abordar o tema, o palestrante também mencionou **Walt Disney**, a quem atribuiu a capacidade de sonhar além dos limites e transformar sonhos em realidade, unida à capacidade de organização e execução de seu irmão **Roy Disney**, que atuava nos bastidores. Segundo Espindola, a chamada cadeia de experiência da Disney está estruturada em quatro pilares: excelência de liderança; excelência de elenco; satisfação e encantamento dos convidados; e lealdade e resultados financeiros.

A mesma lógica, segundo ele, pode ser aplicada à cultura organizacional, que deve incorporar princípios de hospitalidade e contribuir para a construção de ambientes

em que as pessoas queiram estar e permanecer. A proposta é fazer com que cada convidado – que não é só mais um cliente – se sinta especial e único.

Nesse contexto, atitudes simples podem representar grandes gestos de cuidado. A limpeza, por exemplo, deixa de ser apenas uma tarefa operacional e passa a envolver cuidado, processos, protagonismo, iniciativa e acolhimento. “Se eu fui a primeira pessoa a ver a sujeira, então eu sou a pessoa que devo limpar”. O cuidado, portanto, está presente nas pequenas atitudes e na disposição de assumir responsabilidades, mesmo quando determinada tarefa não está necessariamente vinculada à função de quem a identifica.

Ir além da média

Estar atento às expectativas das pessoas e ouvi-las é uma das formas de construir experiências mais significativas. “Quanto de nós temos coragem de ir além e fazer com que o dia das pessoas seja único?”, questionou Espindola. De acordo com ele, a Disney construiu sua cultura com o propósito de superar expectativas e prestar atenção aos detalhes. Com base nessa perspectiva, o especialista lançou outra provocação ao público: “o que você vem fazendo de notável a ponto de tornar-se inesquecível para o outro?”.

Embora a Disney seja associada a um ambiente de magia, Espindola advertiu que experiências memoráveis não são construídas por acaso. “Não é com magia que se faz um bom trabalho. É com um bom trabalho que se faz magia. É cuidando, zelando e dando atenção.”

Para ele, o atendimento é resultado da soma de pequenas atitudes. Cada grama de atenção pode se transformar em uma tonelada de satisfação para quem é atendido. E isso não significa estar livre de erros. Mesmo diante das falhas que podem surgir no cotidiano, é possível demonstrar cuidado por meio de uma recuperação imediata do atendimento, buscando soluções e transformando uma experiência negativa em uma oportunidade de reconquistar a confiança.



Alexandre Bley, Alexandre Espindola e Rached Hajar Traya durante o lançamento do projeto UNICOO

TRILHAS APROFUNDAM OS PRINCIPAIS TEMAS DO SIMPÓSIO

Palestras simultâneas ampliam o debate em cinco eixos estratégicos: Inovação, Assistência, Cooperado, Gestão e Mercado

JOSSÂNIA VELOSO

INOVAÇÃO

Na trilha **Inovação**, cuja temática foi **A transformação digital na saúde**, o primeiro bloco reuniu as palestras “*Saúde em modo inteligente: o que a IA já pode transformar*”, com **Gil Giardelli**, professor e escritor especialista em inteligência artificial, e “*Como a tecnologia conecta e melhora a jornada do paciente?*”, com **Gui Zanoni**, palestrante, investidor e também especialista em inteligência artificial. A coordenação ficou a cargo de **Flavio Grinberg**, presidente da Unimed Paranaguá. Por fim, foi apresentado o case **Conecta Ideias**, da Unimed Curitiba.

O segundo bloco, com a temática **Experiências de transformação digital no Sistema Unimed**, promoveu um talk-show com especialistas e gestores da área: **Maurício Jacob Cerri**, da Unimed do Brasil; **Rubens Rodrigues Junior**, da Compar; e **Carolina Ogata Busato**

e **Eduardo Hey**, da Unimed Paraná. A coordenação foi de **Gabriel Kubis**, da Unimed RioMafra. Encerrando o bloco, a Unimed Ponta Grossa apresentou o case **Novos modelos de negócio baseados em inovação e digitalização**.

Já o terceiro bloco, sob a temática **A biotecnologia inovando medicamentos e tratamentos**, contou com as palestras “*Do laboratório ao paciente: logística, acesso e modelos de implementação clínica*”, ministrada pelo médico **Jaime Luís Lopes Rocha**, professor da PUCPR, e “*Ciência e pipeline: plataformas biotecnológicas que estão mudando a terapêutica*”, com o médico **Valderílio Feijó Azevedo**, chefe do Departamento de Clínica Médica da UFPR. A coordenação foi de **Ribamar Leonildo Maroneze**, presidente da Unimed Apucarana. Por fim, foi apresentado o case **Oncotype DX**, da Unimed Curitiba.

ASSISTÊNCIA

Na trilha **Assistência**, o primeiro bloco, com a temática **Explorando Modelos Inovadores de Coordenação de Cuidados**, reuniu as palestras “*Atenção primária no Sistema Unimed: evoluímos, mas onde precisamos chegar?*”, com o médico **Gustavo Gusso**, professor e pesquisador, e “*Cuidado Compartilhado – construindo melhores desfechos*”, com o médico **Rogério Augusto Marques dos Santos**. A coordenação ficou a cargo de **Bruno Eduardo de Camargo**, presidente da Unimed Paranaíba. Por fim, foi apresentado o case **APS Conectada**, da Unimed Paranaíba.

O segundo bloco, sob a temática **O futuro do cuidado em um Cenário de Envelhecimento da População**, contou com as palestras “*Envelhecimento avançado: como cuidar com ciência, ética e sustentabilidade*”, com **Rodolfo Chung**, CEO da Memed, e “*Funcionalidade, independência e continuidade: a nova arquitetura da saúde*”, com **Thiago Liguori**, médico cardiologista e

fundador da Turi Saúde. A coordenação foi de **Alexandre Thadeu Meyer**, presidente da Unimed Noroeste do Paraná. Por fim, a Unimed Londrina apresentou o case **Você é um paciente seguro**.

Já o terceiro bloco, com a temática **As novas morbidades: transtornos do neurodesenvolvimento**, abordou os desafios e as perspectivas do cuidado por meio das palestras “*Transtornos do neurodesenvolvimento: o que estamos vendo mais e cuidando melhor?*”, com o médico neuropediatra **Paulo Liberalesso**, e “*Quando a demanda cresce mais que a rede: soluções para o cuidado em neurodesenvolvimento*”, com o médico neuropediatra **Carlos Amin Nunes de Jacob Gadia**. A coordenação ficou a cargo de **Marco Aurélio Farinazzo**, presidente da Unimed Oeste do Paraná. Por fim, a Unimed Cascavel apresentou o case **Gestão Financeira da Clínica de Terapias**.

COOPERADO

Na trilha **Cooperado**, o primeiro bloco, com a temática **O médico diante das novas tecnologias, evidências, valor e sustentabilidade**, reuniu as palestras “*Mais tecnologia, melhor saúde? A conta precisa fechar*”, com o médico pneumologista **Sergio Ricardo**, e “*Inovação sustentável: tecnologia a serviço do cuidado, da equidade e da eficiência*”, com **Daniel Wel Liang Wang**, professor de Direito da FGV-SP. A coordenação ficou a cargo de **Antonio Carlos Cardoso**, presidente da Unimed Regional Campo Mourão. Por fim, a Unimed Campo Mourão apresentou o case **Programa de Monitoramento da Qualidade Assistencial (PMQA)**.

O segundo bloco, sob a temática **Fidelizar para sustentar: caminhos para engajamento e permanência dos cooperados**, contou com as palestras “*Sua Unimed é atrativa para novas gerações? Estratégias de atração e retenção de cooperados*”, com **Thaís Jerônimo**, relações públicas e doutora

em Estudos de Linguagem, e “*Do procedimento ao valor: a nova lógica da remuneração em saúde*”, com **David Maia D'Oliveira**, administrador e contador. A coordenação foi de **Sidney Calixto Jr.**, presidente da Unimed Vale do Piquiri. Encerrando o bloco, a Unimed Maringá apresentou o case **Relacionamento e Valorização do Médico Cooperado**.

Já o terceiro bloco, com a temática geral **Modelos de remuneração à luz da reforma tributária**, abordou os impactos das mudanças tributárias e os desafios da sustentabilidade econômica por meio das palestras “*Modelos de remuneração à luz da reforma tributária*”, com **Devair Antonio Mem**, coordenador no SESCOOP-PR, e “*Contratos em tempos de reforma: como proteger margem sem perder mercado*”, com **Rodrigo Forcennete Salomão**, advogado e professor de Direito Tributário. A coordenação ficou a cargo de **Luiz Sérgio Fettback**, presidente da Unimed Cascavel. Por fim, a Unimed Oeste do Paraná apresentou o case **Veritas**.

GESTÃO

Na trilha **Gestão**, o primeiro bloco, com a temática geral **Construindo uma nova cultura assistencial: a ponte para o futuro**, reuniu as palestras “*Cuidado coordenado, resultados sustentáveis: o valor da integração assistencial*”, com **Fábio Luís Peterlini**, médico cirurgião-pediátrico, e “*Humanização como estratégia: o líder no centro da transformação assistencial*”, com **Marcus Prestes**, médico intensivista e internista. A coordenação ficou a cargo de **Pedro Moysés Soares Jacintho**, presidente da Unimed Ponta Grossa. Por fim, a Unimed Ponta Grossa apresentou o case **Programas de Desenvolvimento de Liderança**.

O segundo bloco, sob a temática **A importância da governança clínica**, destacou a integração entre estratégia, assistência e gestão como elemento fundamental para melhores resultados. As discussões foram conduzidas por **Luís Francisco Cardoso**, diretor do Hospital Sírio-Libanês, com a palestra “*Governança clínica e corporativa: quando estratégia e assistência*

precisam conversar”, e **Nathalia de Oliveira Nunes**, CEO do Colégio Brasileiro de Executivos em Saúde (CBEX), com “*Dashboards não salvam vidas. Decisões baseadas neles, sim!*”. A coordenação foi de **Marcos Pedro Gomes**, presidente da Unimed Cianorte. Ao final, a Unimed Cianorte apresentou o case **Conexão Operadora x Serviços Próprios**.

Já o terceiro bloco, com a temática geral **Uma nova abordagem sobre a judicialização na saúde**, trouxe reflexões sobre caminhos para a prevenção e a solução de conflitos. A palestra “*Antes que vire processo: governança clínica e comunicação como estratégia de cuidado*” reuniu **Adriana Benini** e **Thalita Bizerril Duleba Mendes**, juízas de Direito do Tribunal de Justiça do Paraná, e **Daniel Wei Liang Wang**, professor de Direito da FGV-SP. A coordenação ficou a cargo de **Décio Yvan Sandro Filho**, presidente da Unimed Guarapuava. Por fim, a Unimed Costa Oeste apresentou o case **Núcleo de Autocomposição Técnica (NAT)**.

MERCADO

Na trilha **Mercado**, o primeiro bloco, com a temática geral **Inflação da saúde e os desafios da gestão**, reuniu as palestras “Políticas econômicas e o impacto na entrega de valor em saúde”, com a economista e professora da FGV-SP **Carla Beni Menezes de Aguiar**, e “Vender saúde em tempos de incerteza: o que muda na decisão do consumidor?”, com **Adriano Mattheis Londres**, consultor e sócio fundador da Arquitetos Saúde. A coordenação ficou a cargo de **Lai Pon Meng**, presidente da Unimed Regional Maringá. Ao final, a Unimed Maringá apresentou o case **Gestão Estratégica da Carteira Empresarial**.

O segundo bloco, sob a temática **Tendências de consumo e comportamento na utilização do plano de saúde**, abordou as transformações no perfil do consumidor e seus impactos no setor. As discussões foram conduzidas por **Alberto José Niituma Ogata**, professor da FGV-SP, com a palestra “Da rede social à carteirinha: o novo caminho da decisão em saúde”, e

Chao Lung Wen, professor da USP, com “O consumidor mudou. A operadora também precisa mudar.” A coordenação foi de **Evandro Bazan de Carvalho**, presidente da Unimed Norte do Paraná. Ao final, a Unimed Curitiba apresentou o case **Plano Pleno**.

Já o terceiro bloco, com a temática **Como inovar em um cenário de regulação e envelhecimento da população**, trouxe reflexões sobre os impactos da longevidade e os caminhos para uma vida mais saudável. A palestra “A saúde suplementar diante da longevidade: prevenir ou pagar a conta” foi conduzida por **Jorge Felix**, professor de Ciências Sociais da USP, enquanto “Envelhecimento ativo: estratégias diárias e escolhas para se tornar um ‘superidoso’” foi apresentada pelo médico geriatra **Marcos Cabrera**, professor da UEL. A coordenação ficou a cargo de **Christian Floriano e Silva**, presidente da Unimed Costa Oeste. Ao final, a Unimed Maringá apresentou o case **Venda Sustentável**.



AÇÕES ESPECIAIS APROXIMAM EXPOSITORES, DIRIGENTES E FAMILIARES

LANA MARTINS

O 32º Suespar também foi marcado por ações que ampliaram a experiência dos participantes e fortaleceram os vínculos dentro do Sistema Unimed. Pela segunda vez, o **Café com os Expositores** reuniu representantes das empresas participantes da Feira de Negócios e a diretoria da Unimed Paraná em um momento de proximidade e diálogo. Além de um café especial, o encontro abriu espaço para perguntas, agradecimentos e relatos sobre a importância da Feira de Negócios para os resultados e a geração de novos negócios.

Para os **acompanhantes** dos convencionais, a programação também reservou um momento especial. Realizada há alguns anos durante o Suespar, a iniciativa vem se tornando uma tradição cada vez mais aguardada e, nesta edição, reuniu 31 participantes em uma oficina de aquarela. Esposas, esposos, filhos e outros familiares puderam vivenciar uma atividade criativa e descontraída enquanto os demais convencionais participavam da programação do evento.



Para além dos negócios, Café com Expositores gera engajamento e proximidade com diretoria



Tradicionalmente realizada e aguardada, ação para acompanhantes promoveu uma oficina de aquarela

PROGRAMAÇÃO CONTA COM CASES DAS SINGULARES

LOUISE FIALA

Uma das grandes novidades da 32ª edição do Suespar foi a divulgação de *cases* das Singulares paranaenses durante as palestras que integraram os eixos temáticos, além da exposição de todos os trabalhos em *e-poster* no *hall* do evento. Ao todo, a organização recebeu 102 trabalhos, com 15 selecionados para apresentação no palco do Simpósio.

Tradicionalmente, todos os anos as Singulares contribuem com a construção da grade técnica do Suespar, com o envio de sugestões de temas ou palestrantes. Em 2026, no entanto, a parceria foi além, reforçando a intercooperação e destacando o trabalho exercido em cada Unimed no Paraná.

Desta forma, os eixos temáticos, divididos em Assistência, Cooperado, Gestão, Inovação e Mercado contaram, a cada palestra, com a apresentação do *case* de uma Singular previamente selecionada. Além disso, o *hall* do Simpósio trouxe a exposição de todos os trabalhos por meio de totens, também separados por eixos temáticos.



Apresentações foram realizadas nos eixos temáticos, acima apresentação de um dos *cases* da Unimed Maringá



Ao todo, a organização recebeu 102 trabalhos das Singulares, com 15 selecionados para apresentação, os demais fizeram parte de *e-posters* e também ficaram à disposição do público. Acima a apresentação do *case* da Unimed Oeste do Paraná



RECONHECIMENTO E CELEBRAÇÃO MARCAM O ENCERRAMENTO DO 32º SUESPAR

LANA MARTINS

Além da programação técnica, o 32º Suespar também contou com momentos de interação. Ao final de cada plenária e das palestras especial e magna, a Unimed Paraná realizou sorteios de cinco iPhones e de um exemplar do livro Felicidade do Cliente, do palestrante **Alexandre Espindola**. Isso sem contar os prêmios sorteados pelos demais patrocinadores.

Antes da entrega do Prêmio Performance de Gestão, o encerramento reuniu o presidente da Unimed Paraná, **Alexandre Gustavo Bley**, os diretores **Faustino Garcia Alferez** (de Saúde), **Antonio Carlos Valezi** (Administrativo e Financeiro), **Antonio Carlos de Farias** (Inovação e Desenvolvimento) e **Durval Francisco dos Santos Filho**

(Mercado e Intercâmbio) e os conselheiros regionais – **Pedro Moyses Soares Jacintho** (Ponta Grossa) – Região 1, **Ribamar Leonildo Marozene** (Apucarana) – Região 2, **Antonio Carlos Cardoso** (Campo Mourão) – Região 3 e **Luiz Sérgio Fettback** (Cascavel) – Região 4.

Em um momento de agradecimento, Bley e Valezi destacaram a participação expressiva de representantes de Unimeds de diferentes regiões do país e agradeceram aos dirigentes, técnicos, diretores, colaboradores da Federação e integrantes das Comissões Organizadora e de Apoio que contribuíram para a realização do evento. O encerramento foi marcado por emoção, com os profissionais ao palco para receber o reconhecimento pelo trabalho realizado.

PRÊMIO PERFORMANCE DE GESTÃO CELEBRA BOAS PRÁTICAS DAS COOPERATIVAS DO PARANÁ

Segundo o dicionário **Michaelis**, gestão é o ato de gerir ou administrar. Se estivéssemos em um concurso de soletrar e precisássemos usar a palavra em uma frase, poderíamos dizer: “Os lucros da empresa aumentaram significativamente graças à gestão eficiente”. Simples, não? Na prática, porém, a palavra de poucas letras envolve uma série de competências, escolhas e desafios.

Uma boa gestão vai muito além de administrar recursos e buscar resultados. No **Prêmio Performance de Gestão**, realizado pela Unimed Paraná, são avaliados aspectos como eficiência operacional, práticas de gestão, controle de custos, sustentabilidade financeira, desempenho mercadológico, gestão da relação com os cooperados, gestão do custo assistencial e participação ativa em iniciativas colaborativas e intercooperativas.

É justamente essa diversidade de competências que o prêmio busca reconhecer. Durante o encerramento do 32º

Suespar, foi realizada a entrega do **Prêmio Performance de Gestão** às Singulares participantes. A solenidade, conduzida por representantes do Conselho de Administração da Unimed Paraná, reconheceu cooperativas em cinco categorias, valorizando resultados, iniciativas e boas práticas de gestão desenvolvidas pelas cooperativas paranaenses.

E, se gestão não é uma receita única, o reconhecimento também não poderia ser. Para considerar as diferentes realidades do Sistema Unimed Paraná, as quatro primeiras categorias foram divididas em três subcategorias de porte. A proposta é garantir maior equilíbrio na avaliação e ampliar as possibilidades de reconhecimento, permitindo que cooperativas de diferentes tamanhos sejam valorizadas pelo desempenho e pela qualidade de suas práticas de gestão.

CONFIRA O RESULTADO DO PRÊMIO PERFORMANCE DE GESTÃO 2026:

Gestão Administrativa e Intercooperação

- **Operadoras até 25 mil beneficiários:** Unimed Paranavaí
- **Operadoras acima de 25 mil e até 100 mil beneficiários:** Unimed Regional de Campo Mourão
- **Operadoras com mais de 100 mil beneficiários:** Unimed Ponta Grossa

Valorização do Cooperado

- **Operadoras até 25 mil beneficiários:** Unimed Noroeste do Paraná
- **Operadoras acima de 25 mil e até 100 mil beneficiários:** Unimed Oeste do Paraná
- **Operadoras com mais de 100 mil beneficiários:** Unimed Ponta Grossa

Gestão de Saúde

- **Operadoras até 25 mil beneficiários:** Unimed Paranavaí
- **Operadoras acima de 25 mil e até 100 mil beneficiários:** Unimed Regional de Campo Mourão
- **Operadoras com mais de 100 mil beneficiários:** Unimed Regional de Maringá

Gestão de Mercado

- **Operadoras até 25 mil beneficiários:** Unimed Noroeste do Paraná
- **Operadoras acima de 25 mil e até 100 mil beneficiários:** Unimed Oeste do Paraná
- **Operadoras com mais de 100 mil beneficiários:** Unimed Cascavel

Performance geral

Vencedora: Unimed Regional de Maringá



O que cada categoria avalia?
Confira o QR Code!



A entrega do Prêmio Performance de Gestão 2026 ocorreu durante o encerramento do 32º Suespar

UM SISTEMA SOB PRESSÃO

Com custos crescentes e demandas cada vez mais complexas, a Saúde Suplementar acelera a busca por eficiência, integração e geração de valor

KARINA KANASHIRO

O QUE VOCÊ VAI LER

A sustentabilidade da saúde suplementar tornou-se um dos principais temas da agenda do setor. Pressionado pelo envelhecimento da população, pela alta dos custos assistenciais e pela incorporação de novas tecnologias, o sistema busca modelos mais eficientes de gestão e cuidado, combinando prevenção, uso estratégico de dados, governança e remuneração baseada em valor.

Custos médicos crescendo acima da inflação, envelhecimento populacional, incorporação contínua de tecnologias de alto valor e aumento da judicialização. Diante desse cenário, a saúde suplementar brasileira enfrenta o desafio de equilibrar qualidade assistencial, acesso e sustentabilidade financeira sem comprometer sua capacidade de atendimento no longo prazo.

Segundo **Bruno Sobral**, diretor-executivo da Federação Nacional de Saúde Suplementar (FenaSaúde), a combinação desses fatores tem ampliado a pressão sobre o sistema. O envelhecimento da população aumenta a demanda por cuidados contínuos e a utilização dos serviços de saúde, especialmente entre as faixas etárias mais avançadas.

Além disso, o setor convive com desafios, como imprevisibilidade regulatória, insegurança jurídica, crescimento da judicialização, fraudes e desperdícios. Para o executivo, esse conjunto de fatores eleva a necessidade de recursos e intensifica o debate sobre a sustentabilidade do sistema.

Inovação, custos e mudanças

De acordo com Sobral, o avanço dos custos médicos está diretamente relacionado ao aumento da demanda assistencial e à incorporação constante de novas tecnologias. Embora a inovação amplie as possibilidades de tratamento, ele considera que sua adoção deve considerar critérios técnicos que avaliem benefícios clínicos, efetividade e impacto financeiro.

“A inovação é essencial para ampliar as possibilidades de tratamento, mas precisa ser incorporada de forma responsável. Cada nova tecnologia deve ser avaliada não apenas pelo seu grau de inovação, mas também pelos benefícios reais que oferece aos pacientes em relação aos custos envolvidos”, afirma.

Sobral avalia ainda que o modelo atual de financiamento e remuneração da saúde suplementar apresenta sinais de esgotamento. A predominância de mecanismos que remuneram o volume de procedimentos, em vez dos resultados alcançados, reduz os incentivos à eficiência e à melhoria dos desfechos clínicos.

“Se nada mudar, há o risco de os planos se tornarem cada vez menos acessíveis para famílias e empresas”, alerta.

Como alternativa, o executivo defende maior coordenação do cuidado, investimentos em prevenção, flexibilização regulatória e expansão dos modelos de remuneração baseados em valor.



Para Bruno Sobral, o desafio do setor é alcançar a sustentabilidade financeira sem comprometer a qualidade da assistência

Prevenção e redução de desperdícios

Sobral cita que entre as iniciativas mais eficazes para controlar custos sem comprometer a qualidade da assistência está a redução de desperdícios. Nesse contexto, ele destaca o fortalecimento da atenção primária,

capaz de prevenir doenças, coordenar o cuidado e evitar procedimentos e internações desnecessários.

“Quando o sistema incentiva boas práticas, todos ganham: pacientes, profissionais e operadoras”, ressalta.

O papel estratégico dos dados

Para além da governança e do alinhamento entre os diferentes atores do setor, a utilização estratégica dos dados tornou-se um fator decisivo para a sustentabilidade das operadoras.

Segundo Sobral, o sistema já dispõe de um grande volume de informações, mas ainda enfrenta dificuldades para integrá-las entre operadoras, hospitais, clínicas e laboratórios. A interoperabilidade e a governança dos dados são fundamentais para permitir uma visão mais completa da jornada do paciente.

“Quando bem utilizados, esses dados permitem antecipar riscos, melhorar a coordenação do cuidado e apoiar decisões que beneficiam tanto os pacientes quanto a sustentabilidade do sistema”, analisa.

Decisões estruturais e governança

Para **Antonio Carlos Valezi**, diretor Administrativo e Financeiro da Unimed Paraná, as respostas ao aumento dos custos assistenciais exigem medidas estruturais e de longo prazo. Entre as principais estratégias estão uma gestão ativa e importantes direcionamentos. “As decisões têm se focado na verticalização com investimento em recursos próprios, no fortalecimento da atenção primária, no gerenciamento da carteira, especialmente de pacientes crônicos e de alto custo, e no uso de inteligência artificial para otimizar recursos e controlar custos assistenciais”, explica.

Valezi ressalta que a governança é um elemento central para o sucesso dessas iniciativas. No modelo cooperativista, a sustentabilidade depende do alinhamento entre os médicos cooperados e os objetivos da organização.

“É fundamental que o médico-cooperado separe a propriedade do negócio para evitar que interesses individuais comprometam o interesse coletivo”, salienta o diretor.

Segundo ele, a tomada de decisão compartilhada fortalece o engajamento e a responsabilidade dos cooperados pelos resultados da cooperativa.

Estratégia de longo prazo e remuneração baseada em valor

Na avaliação de Valezi, tecnologia, dados e governança só produzem resultados consistentes quando estão conectados a uma estratégia de longo prazo. Mais do que implementar novas ferramentas, inovar significa aprimorar processos e integrar tecnologia à gestão e à qualidade assistencial.

No Sistema Unimed, esse movimento também se apoia na intercooperação entre Singulares e Federações,

promovendo ganhos de escala, compartilhamento de boas práticas e maior eficiência operacional.

Outro desafio central é a evolução dos modelos de remuneração. Para Valezi, a transição do pagamento por volume para a remuneração baseada em valor é essencial para garantir sustentabilidade e qualidade assistencial.

“Devemos sair do modelo atual e avançar para a remuneração baseada em valor, expandindo a atenção primária e o gerenciamento de pacientes crônicos”, defende.



Valezi destaca a governança e a gestão eficiente como pilares da sustentabilidade na saúde suplementar

Eficiência na operação e visão de futuro

A sustentabilidade do Sistema também depende da execução cotidiana de iniciativas voltadas à eficiência operacional. Nesse sentido, ações como uso de *analytics*, gestão de insumos e monitoramento assistencial ajudam a reduzir desperdícios e aprimorar processos.

“Inovar não é apenas fazer algo novo, mas melhorar o que já existe, integrando tecnologia à gestão de custos e à qualidade assistencial”, diz Valezi.

Apesar de atuarem em diferentes frentes do setor, Valezi e Sobral convergem em um ponto: a transformação da saúde suplementar passa pela integração de dados, alinhamento de interesses e decisões orientadas por valor.

Para os próximos anos, as prioridades incluem a incorporação responsável de tecnologias, o enfrentamento da judicialização, das fraudes e dos desperdícios, além do avanço da interoperabilidade das informações em saúde.

Em um ambiente marcado por pressão de custos, mudanças demográficas e avanços tecnológicos acelerados, o consenso é que a sustentabilidade da saúde suplementar dependerá da modernização dos modelos de gestão, da ampliação da coordenação do cuidado e de investimentos capazes de gerar valor efetivo para pacientes, operadoras e prestadores.



Ponta Grossa

Mais espaço para cuidar

Novo investimento amplia a capacidade do HGU e fortalece sua posição como referência regional em saúde

KARINA KANASHIRO



Pedro Moysés Jacintho

Diretor-presidente da Unimed Ponta Grossa.



Rafael Rocha

Diretor de Recursos Próprios da
Unimed Ponta Grossa



A Torre III reflete a evolução de um projeto de décadas, sustentado pela cooperação, planejamento e compromisso com a excelência

A construção da Torre III do Hospital Geral Unimed (HGU) marca uma nova etapa da expansão da Unimed Ponta Grossa. Maior investimento já realizado pela Singular, o empreendimento foi planejado para ampliar a capacidade assistencial e acompanhar o crescimento da demanda por serviços de saúde nos Campos Gerais.

A iniciativa acompanha a evolução da própria Unimed Ponta Grossa. Entre 2020 e 2023, a cooperativa ampliou sua carteira para mais de 90 mil beneficiários e fortaleceu sua atuação nos 16 municípios de abrangência. Atualmente, atende mais de 110 mil vidas.

“A Torre III simboliza a continuidade de um projeto iniciado há quase cinco décadas, baseado no cooperativismo, no planejamento e no compromisso permanente com a excelência da assistência”, explica **Pedro Moysés Jacintho**, diretor-presidente da Unimed Ponta Grossa.

Segundo ele, o projeto prepara a cooperativa para as demandas futuras da saúde, ampliando o acesso a serviços de maior complexidade e reforçando o compromisso com um cuidado seguro, humanizado e de alta resolutividade. Com conclusão prevista para 2027, a nova estrutura fortalecerá o posicionamento do Hospital Geral Unimed como um dos principais complexos hospitalares do interior do Paraná.

“Nossa missão sempre foi cuidar das pessoas. Quando ampliamos nossa estrutura, ampliamos também nossa capacidade de oferecer acesso, resolutividade e qualidade assistencial”, conclui.

Com mais de 8 mil metros quadrados de área construída, a Torre III adicionará à estrutura do Hospital Geral Unimed 71 leitos de internação, 40 leitos de UTI e 10 novas salas cirúrgicas, além de unidade obstétrica, unidade de cardiologia, centro avançado de endoscopia, ampliação do Centro de Diagnóstico Unimed, novas áreas ambulatoriais e de convivência e um heliponto para apoio aos atendimentos de alta complexidade. Com a conclusão da ampliação, o HGU contará com 190 leitos de internação e uma estrutura cirúrgica composta por salas de grande, médio e pequeno portes, além de salas de parto PPP (pré-parto, parto e pós-parto).

O diretor de Recursos Próprios da Unimed Ponta Grossa, **Rafael Rocha**, ressalta que o projeto foi desenvolvido com base em estudos sobre a evolução demográfica da região e o aumento da complexidade assistencial. “A Torre III amplia nossa capacidade com foco em tecnologia, segurança e conforto para pacientes e profissionais”, afirma.

A expansão dá continuidade a uma trajetória iniciada em 2007, com a inauguração do Hospital Geral Unimed. Desde então, o hospital incorporou novas especialidades, implantou a Hemodinâmica, ampliou seu laboratório próprio, inaugurou a UTI Neopediátrica e entregou a Torre II. Em 2022, conquistou a Acreditação ONA Nível 3, certificação que atesta excelência em gestão, segurança do paciente e qualidade assistencial.

Uma década de cuidado

Pronto Atendimento da Unimed Londrina chega aos 10 anos com mais de 1,4 milhão de atendimentos

KARINA KANASHIRO

Ao completar uma década de funcionamento, o Pronto Atendimento da Unimed Londrina consolidou-se como uma das principais portas de acesso à rede assistencial da cooperativa. Desde sua inauguração, em 2016, a unidade já realizou mais de 1,4 milhão de atendimentos, tornando-se referência para milhares de beneficiários que buscam assistência em situações de urgência.

Para acompanhar esse crescimento, a gerente do Pronto Atendimento Adulto, **Madalena Ramos**, conta que o serviço passou por revisões de fluxos assistenciais, modernização de sistemas, fortalecimento de protocolos clínicos e investimentos contínuos na capacitação das equipes.

“Um serviço de urgência precisa estar em constante evolução, sem perder sua essência. Processos, tecnologias e estruturas podem mudar, mas o cuidado humanizado deve permanecer no centro de todas as decisões”, conta.

Essa busca por equilíbrio entre eficiência e acolhimento também acompanha as mudanças no perfil dos pacientes. Segundo Madalena, ao longo da última década, eles passaram a valorizar cada vez mais a agilidade, a segurança e a qualidade da experiência assistencial.

“Entendemos que eficiência e humanização precisam caminhar juntas. Agilidade não significa atender de forma automática, mas organizar bem os processos para que o paciente receba um cuidado seguro, com escuta e respeito”, ressalta.

O crescimento da demanda também levou a mudanças estruturais importantes. Entre os marcos mais recentes está a criação do Centro de Cuidados Unimed – Pediatria, em 2024, permitindo que o Pronto Atendimento passasse a atender exclusivamente o público adulto e oferecendo às crianças um espaço dedicado às suas necessidades.

“Com o aumento dos casos pediátricos, tornou-se necessário repensar o atendimento realizado na mesma estrutura destinada aos pacientes adultos, para preservar a qualidade, a agilidade e o acolhimento de ambos os públicos”, afirma o diretor-presidente da Unimed Londrina, **Celso Fernandes Junior**.

A capacidade de resposta do Pronto Atendimento foi colocada à prova em períodos de alta demanda, como a pandemia de Covid-19 e os surtos de dengue.

“Os milhares de atendimentos realizados ao longo desses anos demonstram a relevância de contar com uma estrutura capaz de responder rapidamente às necessidades de saúde da população, especialmente em momentos críticos”, destaca.

No longo prazo, o Pronto Atendimento contribui para fortalecer uma rede cada vez mais integrada, resolutiva e sustentável, conectada ao Hospital Unimed e às demais estruturas da cooperativa.

“Queremos avançar em modelos de cuidado cada vez mais resolutivos, seguros e personalizados. Nosso compromisso é preparar o serviço para os desafios do futuro, mantendo o paciente no centro de todas as decisões”, ressalta o diretor-presidente.



Madalena Ramos

Gerente do Pronto Atendimento Adulto

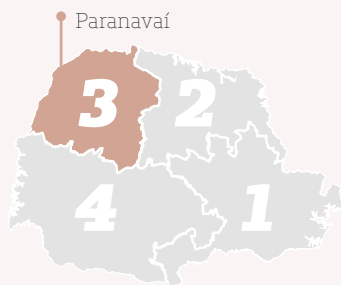


Celso Fernandes Junior

Diretor-presidente da Unimed Londrina



O Pronto Atendimento desempenha um papel fundamental no fortalecimento de uma rede cada vez mais eficiente



Rede própria em expansão

Laboratório Unimed Paranavaí fortalece integração do cuidado e amplia estrutura assistencial da cooperativa

KARINA KANASHIRO



Bruno Camargo

Presidente da Unimed Paranavaí



Lorena Vendramin

Gerente de Recursos Próprio



Renato Nishikawa

Superintendente da Unimed Paranavaí



O novo laboratório Unimed Paranavaí reforça nosso compromisso com um cuidado cada vez mais completo e próximo das pessoas

Com foco na integração da assistência, agilidade nos diagnósticos e fortalecimento da rede própria, a Unimed Paranavaí inaugurou seu próprio laboratório, ampliando a capacidade de atendimento e reforçando o compromisso com um cuidado mais completo e humanizado.

“Além de oferecer uma estrutura moderna, tecnologia de ponta e processos que garantem agilidade e segurança nos resultados, nossa equipe foi preparada para proporcionar um atendimento acolhedor e pautado pela excelência assistencial”, destaca o presidente da Unimed Paranavaí, **Bruno Camargo**.

Ele explica que o laboratório se soma aos investimentos realizados nos últimos anos no Hospital Unimed, nos postos de Atenção Primária à Saúde, no Centro de Oncologia e no Centro de Terapias Especiais, fortalecendo a integração dos serviços.

“Investir em recursos próprios de excelência é uma resposta às necessidades dos nossos beneficiários e da comunidade. O laboratório representa mais um passo na qualificação da assistência e na consolidação da nossa estrutura de atendimento”, afirma.

A nova unidade foi planejada para facilitar a vida dos beneficiários. A gerente de Recursos Próprios, **Lorena Vendramin**, destaca que a jornada foi desenhada para reduzir o tempo de espera e a burocracia, garantindo mais resolutividade desde o primeiro contato.

“Investimos em tecnologia para facilitar a comunicação entre pacientes e médicos. Os resultados poderão ser acessados de forma rápida e segura, por meio de senha provisória autorizada pelo paciente, eliminando a necessidade de exames impressos”, detalha a gerente.

Entre os diferenciais estão o agendamento via WhatsApp, o acesso on-line aos laudos, uma estrutura preparada para diferentes perfis de pacientes e horários de atendimento fora dos períodos de maior movimento.

“Nosso compromisso é aliar qualidade técnica, atendimento humanizado e integração entre as equipes assistenciais, contribuindo para um cuidado mais completo e resolutivo”, acrescenta.

O laboratório também veio para fortalecer a integração da assistência e a gestão do cuidado. Segundo **Renato Nishikawa**, superintendente da Singular, ao internalizar as análises clínicas, será possível acompanhar todo o processo de forma mais próxima e integrada aos demais serviços assistenciais.

“Isso contribui para diagnósticos mais precisos, respostas mais rápidas às necessidades dos pacientes e uma assistência cada vez mais coordenada”, avalia.

O superintendente destaca, ainda, que os ganhos de eficiência gerados pela operação própria permitem ampliar investimentos em assistência, tecnologia e novos serviços.

“A redução de custos permite reinvestir recursos na assistência, em tecnologia, na ampliação dos serviços e na valorização do médico-cooperado”, conclui.

Tradição que se renova

Sem abrir mão de seu legado, o Hospital da Unimed Cascavel investe em inovação, qualificação e cuidado humanizado

KARINA KANASHIRO

Há mais de cinco décadas, o Hospital Policlínica Unimed (HPU) acompanha a vida de milhares de famílias de Cascavel e região. Presente em diferentes momentos e gerações, construiu uma história marcada pela confiança e pelo cuidado. Para **Fernando Leal**, diretor Administrativo do HPU, essa é a essência que permanece até hoje, ao lado dos investimentos em estrutura, tecnologia e qualificação das equipes.

“A medicina mudou muito nesses quase 60 anos. Hoje contamos com tecnologias, equipamentos e tratamentos que eram inimagináveis décadas atrás. A forma de gerir um hospital também evoluiu bastante. Mas, no fundo, a razão da nossa existência continua a mesma: cuidar das pessoas com responsabilidade, respeito e segurança”, afirma.

Esse compromisso, segundo Leal, é o que sustenta a relação de confiança construída ao longo dos anos com a comunidade. Para ele, esse vínculo vai além da infraestrutura e dos recursos disponíveis, tendo origem na dedicação das equipes e no cuidado prestado diariamente.

Manter essa história viva sem abrir mão da evolução, no entanto, é um desafio constante. Para o diretor, o caminho está em encontrar o equilíbrio entre tradição e transformação.

“Quando uma organização existe há tanto tempo, ela carrega consigo uma reputação e uma responsabilidade muito grandes. Existe uma expectativa da comunidade para que o Hospital continue sendo uma referência. E isso não acontece apenas repetindo o que sempre foi feito”, ressalta.

A proximidade construída com a comunidade também é destacada pelo diretor-presidente da Unimed Cascavel, **Luiz Sérgio Fettback**. Para ele, o HPU tornou-se parte da vida da população ao estar presente em momentos que marcaram diferentes gerações de famílias.

“Um hospital com 54 anos de existência carrega inúmeras memórias afetivas, desde nascimentos e tratamentos de doenças infantis até o cuidado em momentos delicados da vida das famílias. Também esteve presente em despedidas e situações sem solução”, relata.

É justamente para fortalecer esse vínculo com a população que a Singular segue investindo no Hospital. Desde que passou a integrar a gestão da Unimed Cascavel, o HPU vem avançando em tecnologia, transformação digital, qualificação das equipes e aprimoramento dos processos assistenciais.

Para Fettback, esses investimentos garantem que o Hospital continue preparado para responder às demandas atuais sem perder a essência que o tornou uma referência regional.

“Estamos investindo em melhorias estruturais e, acima de tudo, nas pessoas, com a contratação de mais profissionais de enfermagem e equipes administrativas de excelência. Tudo isso está alinhado ao pilar Jeito de Cuidar Unimed, que orienta nosso atendimento aos pacientes e familiares do Hospital”, enfatiza.



Fernando Leal

Diretor Administrativo do HPU



Luiz Sérgio Fettback

Diretor-presidente da Unimed Cascavel



HPU: um legado construído não apenas por sua infraestrutura, mas principalmente pelo cuidado diário

PLANEJAMENTO ESTRATÉGICO: SABER PARA ONDE IR FAZ TODA A DIFERENÇA

Imagine embarcar em uma viagem sem definir o destino, escolher a rota ou verificar as condições da estrada. É provável que você até chegue a algum lugar, mas dificilmente será o lugar certo, no tempo esperado ou utilizando os melhores recursos. Com as empresas acontece exatamente a mesma coisa.

Podemos afirmar que, nos anos 1990, muitas empresas brasileiras iniciaram um novo ciclo de profissionalização. Com a Unimed não foi diferente. Entretanto, nos últimos 20 ou 30 anos, os cenários passaram a mudar em uma velocidade quase sobre-humana. Diante disso, a busca por uma gestão baseada em eficiência, governança corporativa e foco no cliente vem se fortalecendo continuamente. Atualizar-se deixou de ser uma opção para se tornar uma necessidade, permitindo compreender essas transformações e enfrentar os desafios que elas impõem.

Nesse contexto, o planejamento estratégico ganha cada vez mais relevância. Ele é fundamental para orientar decisões, organizar prioridades e transformar objetivos em resultados efetivos. Como um processo contínuo de análise, adaptação e definição de rumos, permite que uma organização — seja uma empresa ou uma cooperativa — estabeleça com clareza onde deseja chegar, quais ações são necessárias para alcançar esse destino e como avaliar se está, de fato, atingindo os resultados esperados.

Pensando no ciclo 2027–2030, a Unimed Paraná vem analisando seu cenário interno e externo e ouvindo seus diferentes públicos, buscando percepções e sinais estratégicos levantados sobre passado, presente e futuro. Essa etapa foi conduzida com base em três abordagens complementares: entrevistas exploratórias, pesquisa de percepção com as Singulares e pesquisa de percepção dos colaboradores. Desse modo, aos poucos a Federação está construindo o plano que orientará sua atuação nos próximos anos.

No setor da saúde, o cenário em constante transformação inclui novas exigências regulatórias, avanços tecnológicos e mudanças no comportamento e nas expectativas dos consumidores. O planejamento estratégico permite respostas mais assertivas às demandas do dia a dia, às obrigações e até às situações emergenciais, sem perder de vista os objetivos de longo prazo e a sustentabilidade da organização.

Ao definir prioridades com clareza, promover o uso mais consciente dos recursos tecnológicos, financeiros e humanos, alinhar todas as áreas em torno dos mesmos objetivos, acompanhar resultados e possibilitar correções de rota sempre que necessário, o planejamento estratégico confere ritmo, direção e segurança à cooperativa.



Dr. Antonio Carlos de Farias

Diretor de Inovação e Desenvolvimento

Por isso, sua revisão periódica é indispensável. Planejamento estratégico não é um exercício de adivinhação, mas uma ferramenta de gestão que orienta a tomada de decisões com base na análise criteriosa de cenários, no acompanhamento dos objetivos e na avaliação dos resultados. Ao mesmo tempo, exige flexibilidade para incorporar mudanças sempre que o contexto assim exigir.

Desdobrado em três níveis — estratégico, que define o direcionamento geral; tático, que estabelece os planos específicos de cada área; e operacional, que organiza as tarefas e rotinas do dia a dia —, o planejamento estratégico compreende, de forma integrada, o diagnóstico e a análise do ambiente, a definição (e, quando necessário, a revisão) das diretrizes organizacionais, além do estabelecimento de objetivos, metas, planos de ação, monitoramento e controle.

Os temas debatidos para a construção do plano dos próximos anos incluiu: integração sistêmica, experiência dos beneficiários e das Singulares; cultura e liderança; inteligência e transformação digital, dados e automação; sustentabilidade financeira e valor em saúde; governança, controle de risco e modelo cooperativo; proximidade e suporte às Singulares; integração e fortalecimento do cooperativismo; gestão assistencial, auditoria e custos; pressão competitiva e modelos de baixo custo; pessoas, cultura e identidade; e agilidade; entre outros.

A partir do debate foram priorizados alguns caminhos de ação que chamamos de focos de trabalho e dividimos entre as diretorias da Federação as responsabilidades por priorizá-los. São eles: aumentar a satisfação dos beneficiários, clientes e Singulares; promover a sustentabilidade econômica e social do Sistema Unimed no estado; conciliar a governança corporativa e a gestão de riscos do Sistema Unimed Paraná; acelerar a transformação digital com dados governados e automação de alto impacto; e desenvolver a cultura organizacional que sustenta a execução da estratégica. O planejamento agora vai para os últimos ajustes.

2027 está logo ali.

UniAir

Quando cada minuto importa, nós voamos por você.

CONTATO:

0800 519 5190

INSTAGRAM:

@VOEUNIAIR

E-MAIL:

COMERCIAL@UNIAIR.COM.BR



COOPERATIVISMO:

*União pelo propósito.
Valor para as pessoas.*

Quando cooperamos,
crescemos juntos, geramos valor,
fortalecemos relações
e construímos o futuro.

De pessoas para pessoas.

Venha cooperar conosco

sisprimedobrasil.com.br

sisprime
cooperativa de crédito